

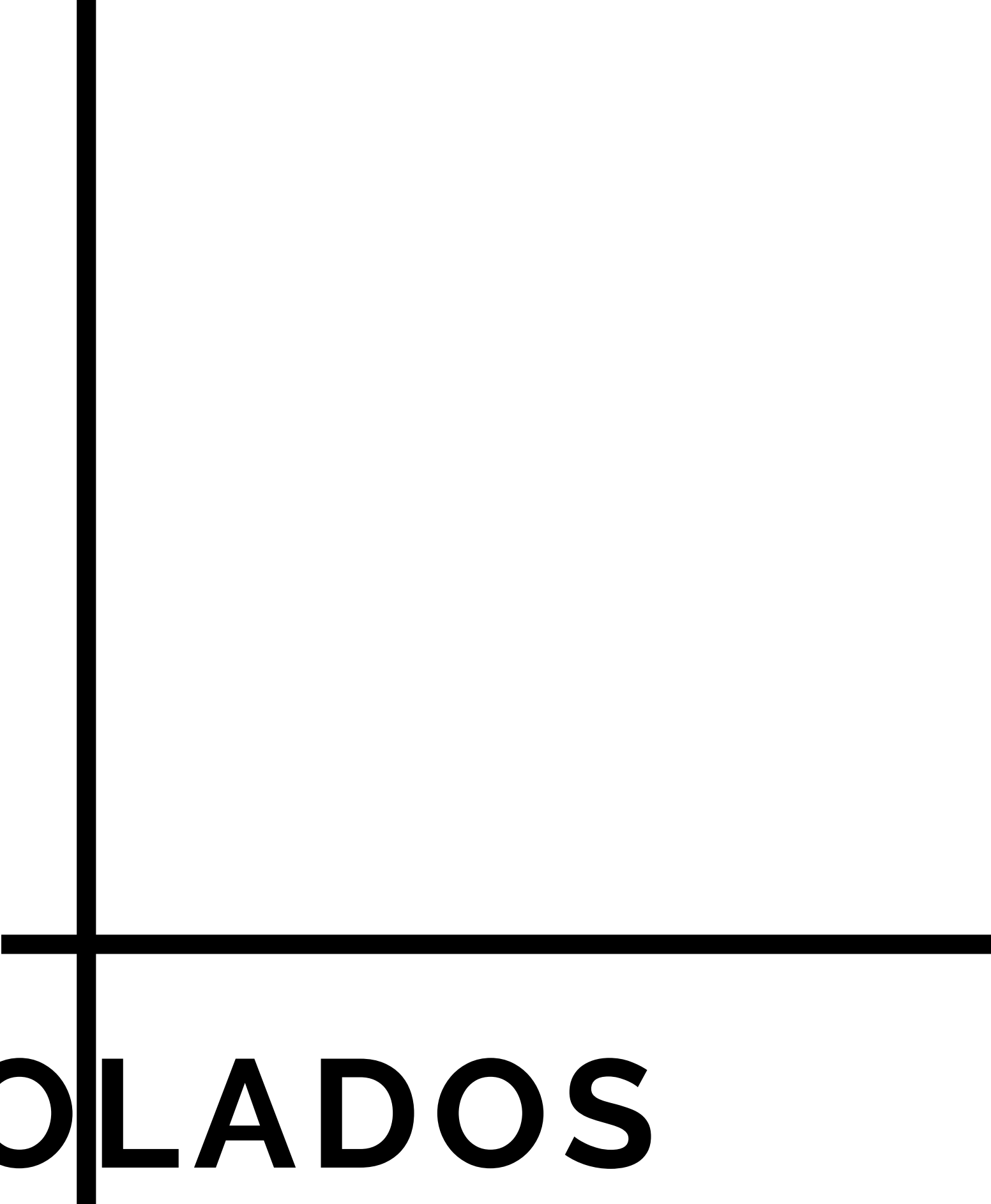
LETÍCIA DO VALE

150

2M

LADOS

Crônicas sobre o coronavírus



# **ISOLADOS**

Crônicas sobre o coronavírus

**LETÍCIA DO VALE**

2020

**LETÍCIA DO VALE ©**

Trabalho de Conclusão de Curso 2020

Curso de Jornalismo da Universidade  
Federal do Ceará - UFC

Instituto de Cultura e Arte (ICA)

**Diretor do ICA**

Prof. Dr. Sandro Thomaz Gouveia

**Coordenadora do Curso de  
Jornalismo**

Kamila Fernandes

**Autora**

Letícia do Vale Souza

**Ilustrações**

Letícia do Vale Souza

**Orientador**

Robson da Silva Braga

**Projeto gráfico e diagramação**

Letícia do Vale Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog,  
mediante os dados fornecidos pela autora

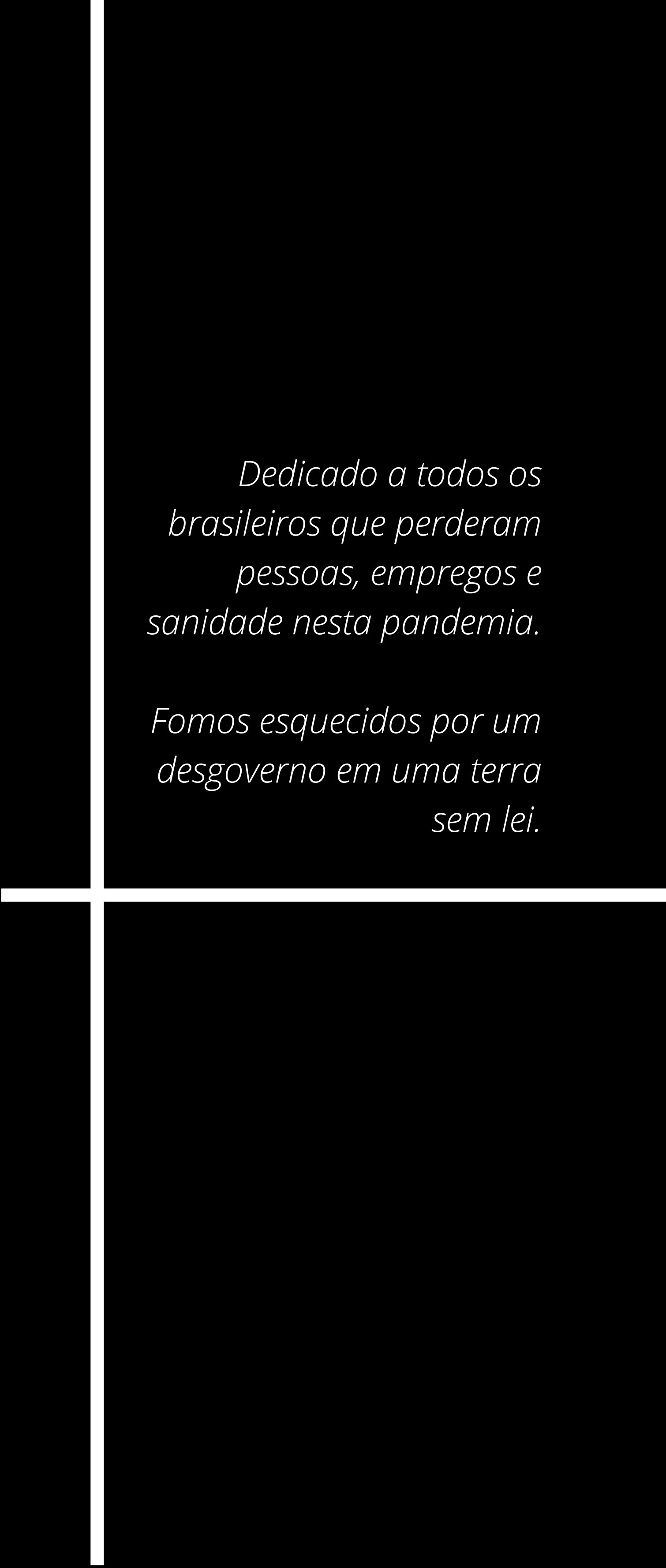
S239i Souza, Letícia.

Isolados : Crônicas sobre o coronavírus / Letícia Souza. – 2020.  
122 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do  
Ceará, Instituto de Cultura e  
Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2020.  
Orientação: Prof. Dr. Robson Braga .

1. coronavírus . 2. pandemia. 3. isolamento. 4. quarentena. 5. crônica. I.  
Título.

CDD 070.4



*Dedicado a todos os  
brasileiros que perderam  
pessoas, empregos e  
sanidade nesta pandemia.*

*Fomos esquecidos por um  
desgoverno em uma terra  
sem lei.*

# AGRADECIMENTOS



À minha família, pela eterna disponibilidade para me ajudar e confortar, frente a qualquer desafio. Obrigada por acreditarem no meu potencial desde menina e nunca me abandonarem. Devo o que sou ao trabalho de grandes mulheres.

Ao Fabrício, por tudo. Por ser meu companheiro, meu melhor amigo, meu conselheiro, meu editor e o melhor jornalista que eu já conheci. Obrigada por ser a rocha firme que quebra as ondas do meu medo e acalma meu

mar de angústias. Nosso vínculo vem de antes e vai além. Saranghae.

Ao Robson, por enxergar habilidades em mim que até agora estão nubladas aos meus olhos. Obrigada pela confiança e incentivo constantes. Obrigada por me fazer acreditar.

Aos amigos, que sempre se dispõem para estarem ao meu lado e deixarem o clima mais leve. Seria impossível sobreviver nesse mundo sem esse senso de humor completamente distorcido de vocês. E obrigada especificamente à Alexia, por tirar todos aqueles prints que eu precisei naquele dia.

À Adrielly, por ser uma profissional exímia e aceitar o desafio de me manter minimamente sã durante todo esse tempo. Eu falo, sem exageros, que você salvou a minha vida.

A todos que dispuseram um pouco do seu tempo para me concederem entrevistas e também para serem modelos para as as ilustrações. Obrigada pela paciência.

E, finalmente, a todos os profissionais de inúmeras áreas que muitas vezes, e infelizmente, doaram as próprias vidas para combater as consequências da, talvez, maior tragédia da minha geração. As cicatrizes ficam, mas seriam feridas abertas sem vocês.

# SUMÁRIO

## Introdução

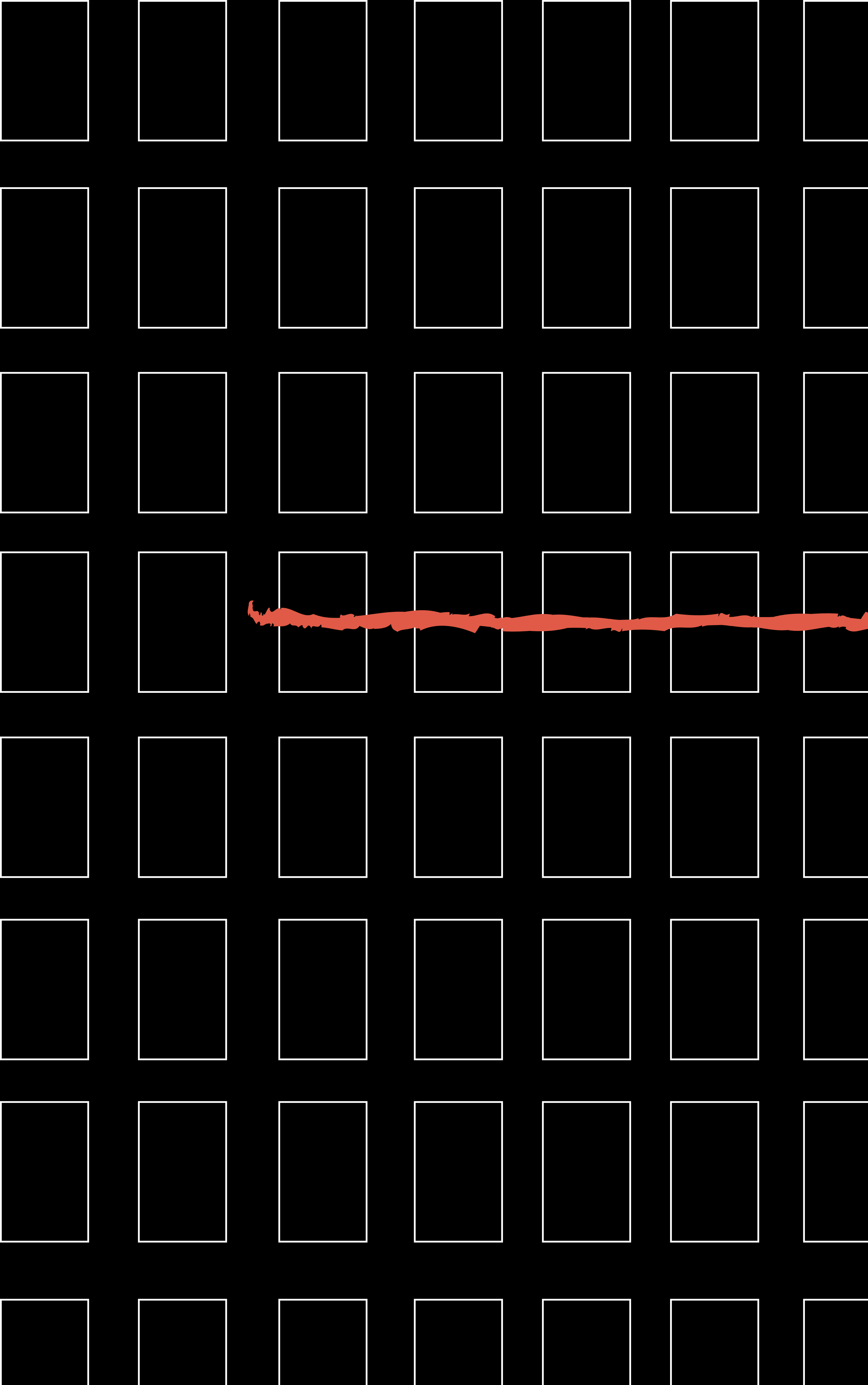
Tragédia anunciada	7
--------------------	---

## Crônicas

Ela	17
Psicológica	26
Martinha	33
Ao lado	41
Amém	50
Alta tensão	56
Mercadinho	63
Dilema	71
A doença	81
Reunião	88
Praia	96
Fabício	103
O dia	110

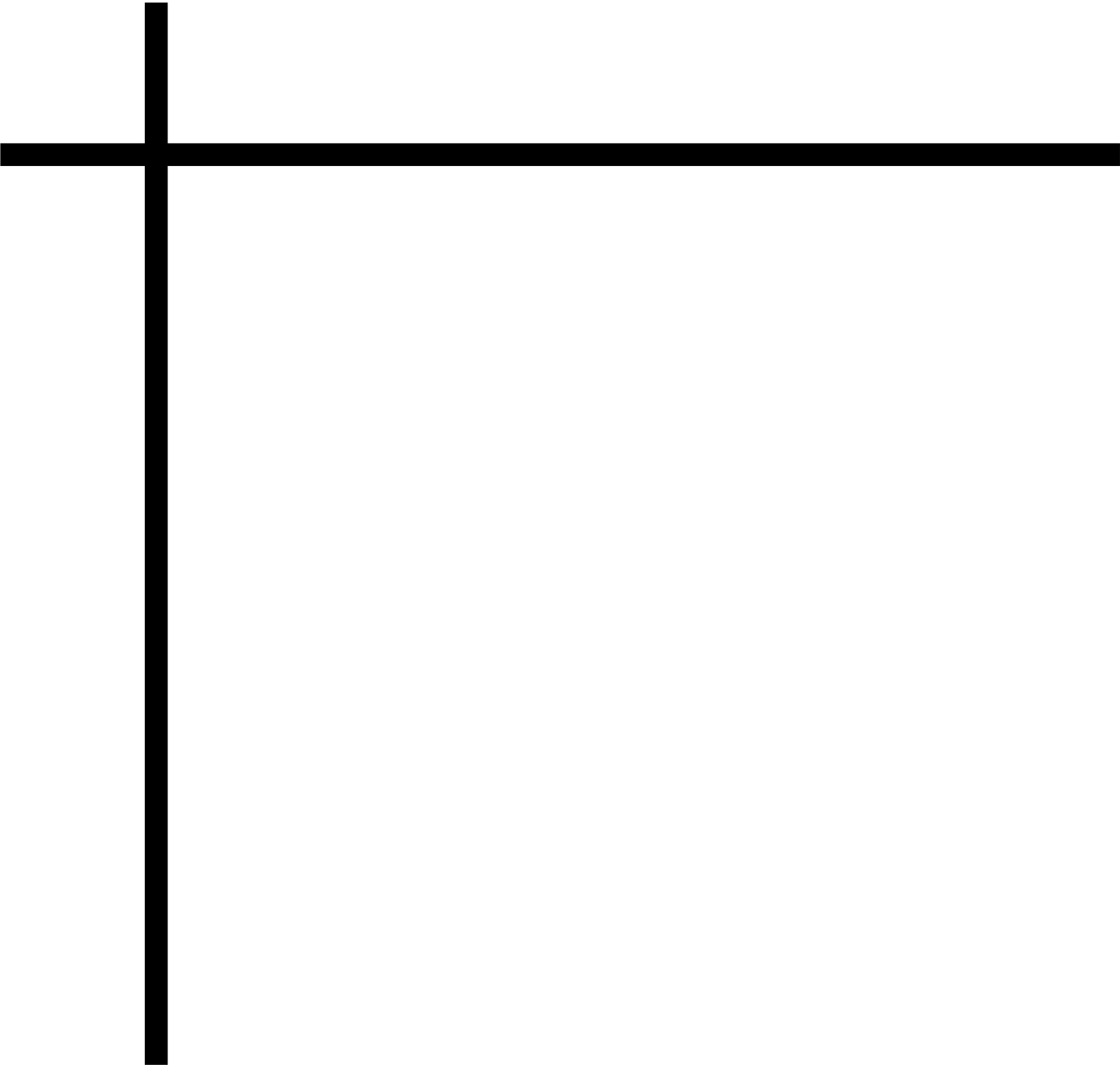
## Posfácio

Ponto de vista do especialista	117
--------------------------------	-----





introdução:  
tragédia anunciada



Em dezembro de 2019, o SARS-CoV-2, da família coronavírus, foi identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China. A partir desse momento, a doença se espalhou rapidamente pelo mundo. Com casos registrados em 114 países e com mais de 4 mil mortos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera, no dia 11 de março, a crise do coronavírus como uma pandemia global. Sendo o contato humano uma das principais causas da infecção, o isolamento social foi definido como a melhor forma de se prevenir.

A doença causou situações delicadas em diferentes países. Na Europa, a Itália chegou a apresentar um aumento de 50% no número de mortes causadas pelo vírus em março. Foram registrados casos de pessoas que passaram dias com familiares falecidos dentro de casadevido à alta demanda enfrentada pelo sistema

funerário no país. No Equador, o mesmo problema foi enfrentado: em abril foram recolhidos de casas e ruas mais de 700 corpos de vítimas da doença. A pandemia causou, inclusive, o primeiro adiamento da história das Olimpíadas, evento que só havia sido cancelado por duas vezes em toda a sua história, na ocasião das duas guerras mundiais.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a registrar um caso de coronavírus, no dia 25 de fevereiro. A vítima era de São Paulo. A primeira morte veio em 17 de março, quando o país já registrava mais de 200 casos. A ascensão do vírus no Brasil foi rápida. Um mês após o primeiro registro, o Ministério da Saúde mostrava 2.915 infectados pela doença. No começo de abril, o número já era maior que 7 mil. No fim de maio, já eram mais de 20 mil mortos. O presidente da Argentina, Alberto Fernández, declarou considerar o Brasil uma ameaça para o resto do continente.

No Ceará, os três primeiros casos de infectados foram confirmados pela Secretaria da Saúde do Estado em 15 de março. No dia 25 do mesmo mês, o número havia aumentado para 235. Fortaleza foi o epicentro da doença no Estado.

Até 14 de outubro, os números se mostravam, aproximadamente, da seguinte forma: 38,4 milhões casos confirmados e 1,09 mil mortes no mundo, sendo 5,14 milhões de casos e 151.700 mortes no Brasil. Na mesma data, o Ceará somava 261.200 casos e 9.100 mortes, sendo 51.700 casos e 3.800 mortes somente em Fortaleza.

A título de comparação, o número de óbitos do Ceará (9.100) consegue ser maior do que o total de mortes na China (4.739), país originário do vírus e com população de mais de 1 bilhão de pessoas. O Brasil é o segundo país com maior número de mortes, atrás somente dos Estados Unidos (216.632).

Os números estarrecedores foram consequência da ausência de uma política governamental adequada de prevenção à pandemia. Desde o começo dos eventos, a posição adotada pelo presidente Jair Bolsonaro foi de apontar a doença como algo que "não é isso tudo". Ele afirmou não haver motivo para pânico, comparou a questão a uma "fantasia" e acusou de estarem superdimensionando o problema. Chegando a afirmar que a Covid-19 seria apenas uma "gripezinha", Bolsonaro quebrou o isolamento social diversas vezes, participando de manifestação e causando aglomerações em ruas e estabelecimentos, comumente sem máscara e não hesitando em ter contato próximo com os apoiadores. Quando questionado pela imprensa sobre as mortes no país, frases como "eu não sou coveiro, tá certo?" e "e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?" foram utilizadas como respostas por Bolsonaro.

Além disso, por duas vezes o ministro da Saúde teve que ser substituído. Em 16 de abril, Luiz Henrique Mandetta foi demitido após um período de desentendimento com o presidente sobre o combate à pandemia. O ex-ministro viu sua popularidade crescer após adotar uma postura pró-isolamento. Já em 15 de maio foi a vez de Nelson Teich pedir demissão do cargo, após divergência com Bolsonaro sobre o uso da cloroquina no tratamento da

doença, medicamento apoiado pelo presidente e sem comprovação científica de resultados positivos na luta contra o coronavírus.

A instabilidade política e a negligência governamental custaram a vida de milhares de pessoas. Mesmo debaixo do mesmo guarda-chuva da pandemia, cada brasileiro encarou esse momento sob um ponto de vista específico. É notório que fatores como nível socioeconômico, gênero e raça segmentam o indivíduo na sociedade e influenciam em toda a sua experiência dentro do sistema. Com a pandemia não foi diferente.

Em cerca de 30 mil casos de notificações de Covid-19, disponibilizados pelo Ministério da Saúde até 18 de maio, 55% de pretos e pardos morreram, enquanto o mesmo índice entre pessoas brancas foi de 38%. Além disso, pretos e pardos sem escolaridade tiveram 80,35% de taxas de morte, ao passo que brancos com nível superior tiveram 19,65%. As informações são de um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio.

Os motivos para essa realidade envolvem o fato de que pessoas negras, em geral, devido aos resquícios da escravidão, encontram-se nas regiões mais marginalizadas das cidades. Assim, moradores de periferia sofrem com baixa oferta de serviços de saúde, moradias inadequadas com maior número de pessoas por metro quadrado, falta de saneamento básico, prevalência de comorbidades por não terem acesso a uma alimentação mais saudável e por consumirem mais produtos industrializados, fome e necessidade de

trabalhar todos os dias para sobreviver, submetendo-se a empregos informais e mais expostos, como serviços gerais.

O grupo das mulheres também foi afetado de modo diferenciado pela pandemia. Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH) informam que, em abril, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019.

Além disso, levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou um aumento de 431% em relatos que vizinhos fizeram, em redes sociais, sobre brigas de casal entre fevereiro e abril deste ano. Por sua vez, os casos de feminicídio aumentaram 22,2% de março para abril no país. Isolada e tendo que conviver com o agressor, a mulher acaba sendo mais alvo da violência e encontra dificuldades ainda maiores para denunciar.

Também foi registrado este ano, pelo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a menor participação das mulheres no mercado de trabalho em 30 anos. O índice caiu para 46,3% entre abril e junho de 2020, representando queda de sete pontos percentuais em comparação com o mesmo período no ano passado. A participação masculina também caiu, mas a queda foi de seis pontos.

A queda seria devido ao fato de que os setores mais afetados apresentam grande participação das mulheres, como serviços, cuidados e hotelaria. Mulheres com filhos

de até dez anos apresentaram os maiores índices de queda, devido ao aumento da carga de trabalho em casa, atividade já direcionada, culturalmente, ao público feminino.

## O livro

Com base no exposto, o livro **Isolados** busca mostrar, mesmo que minimamente, a diversidade de lados dessa pandemia. Para isso, o gênero textual escolhido foi a crônica, formato jornalístico-literário caracterizado pelo tom satírico e crítico. No livro, ela foi utilizada para representar e condensar contextos passados por milhares de brasileiros, de forma que o leitor conseguisse se identificar, em alguma parcela, com a narrativa e refletisse sobre a própria realidade. A flexibilidade do gênero da crônica permite emocionar, questionar e fazer rir, favorecendo uma análise vasta sobre esse momento histórico.

A construção do livro se deu a partir de entrevistas com fontes de diferentes perfis, como profissionais do ramo da saúde e educação, criança, idosos e vítimas da Covid-19, além do acompanhamento da cobertura midiática, de pesquisa documental e da observação do meu próprio cotidiano e das pessoas ao meu redor. A principal matéria-prima das crônicas foi a vivência, seja das fontes, seja de quem foi observado por mim, seja de pessoas do meu dia a dia e mesmo de celebridades acompanhadas pelas redes sociais.

A partir dos relatos, condensei as principais partes para criar uma narrativa a mais representativa possível quanto

ao contexto específico em que o personagem se insere. Uma eterna dualidade entre escolher um lado para retratar e tentar que, ao mesmo tempo em que fosse particular, ele representasse o máximo de pessoas que se encaixam naquele perfil.

Também foram produzidas crônicas mais particulares, cujo objetivo era uma compreensão dos meus próprios sentimentos, expondo sensações e pensamentos acerca do tema. Uma tentativa de se entender enquanto se procura compartilhar emoções acostumadas a estarem guardadas. Uma forma de me ver e de me ouvir.

Escrever este livro foi uma ferramenta própria de reflexão. Uma maneira de ir além da dualidade do certo e do errado e de tentar entender, primeiramente, as origens de determinados comportamentos que tanto cheguei ou não a recriminar.

Acredito que compreender a raiz do problema é a principal forma de combatê-lo, e ter a oportunidade de ver o mundo pela lente do outro pode ser engrandecedor. Exercer a empatia não é justificar erros, é apenas enxergar além de uma bolha que nos impede de refletir fora de um espectro já tão conhecido.

Além de me ajudar a compreender um pouco mais sobre as engrenagens que fazem nossa sociedade se movimentar, **Isolados** me permitiu aproximar e refletir sobre realidades que estavam ao meu lado, debaixo do meu teto. Também foi uma importante forma de entender e registrar o impacto e as consequências que esse momento teve em mim mesma. Foi uma



oportunidade de autoconhecimento e de expressar medos, angústias e vontades em palavras ainda não pronunciadas ou nem mesmo conhecidas por mim.

Da mesma forma que me fez refletir, quem sabe este livro possa fazer, minimamente, o mesmo por alguém. É por isso que o compartilho.

---

**Fontes:** Universidade Johns Hopkins, estatísticas Google, G1, Projeto Agir O POVO, Diário do Nordeste, Uol, Integrasus, Prefeitura de Fortaleza, IG, BBC News Brasil, Isto É.



ela

---

— Deixa eu ver há quantos dias eu tô presa... — ela tenta fazer a matemática utilizando apenas os dedos da mão — 13 mais... abril é 30? Mais 31... 74 dias dentro de casa hoje — sentença.

Estávamos sentadas no sofá da sala. Eu a tinha chamado para uma conversa. Uma conversa não, uma entrevista. Conversar não era comum entre a gente, e eu resolvi usar essa desculpa para... simplesmente saber como ela estava. Somos duas mulheres fechadas, acostumadas a lidar com as situações sozinhas, e compartilhar sentimentos nunca foi uma prática. Eu também nunca tive coragem de ir atrás. Mas era dia 31 de maio e a mulher de 71 anos só tinha saído de casa duas vezes desde que tudo começou: ambas para tentar tomar a vacina, ainda não a mais desejada, mas a disponível no momento, contra o H1N1. Idosa, pré-diabética,

hipertensa e com problemas no coração, ela era um prato cheio para o vírus da Covid-19 ser fatal. Constantemente eu me perguntava o que poderia se passar pela sua cabeça. Como fica a mente de alguém que de repente vê a vida ser colocada em risco pelo simples fato de sair na rua? Eu precisava saber como ela estava.

O medo era palpável. Sempre fui acostumada a vê-la enfrentar a vida segundo as próprias vontades, mas dessa vez o assunto era sério demais. Atenta a cada notícia, a cada nova informação e a cada número, não lhe restavam dúvidas sobre o melhor a fazer. Nada de sair de casa. Nada de receber visitas. Nada.

Sem as idas diárias aos tantos supermercados de Fortaleza, suprir os dias com atividades parecia um pouco complicado. Era rotina ir a um, dois, até quatro supermercados por dia, analisando cada produto, sempre atrás das melhores ofertas. É assim desde que eu me lembro. Acho fantástico como os preços de cada item estão sempre na ponta da língua. Pelos cômodos da casa não é difícil de se ouvir comentários como “no supermercado X tava de tal preço e no Y tava mais barato... anota aí: amanhã ir ao supermercado Y. Precisa comprar mamão, feijão, presunto... será que tá faltando leite? Tem que ver também a...”. Eram conversas intermináveis. Ainda são. E nem sempre com um interlocutor presente.

Então o jeito era se distrair na cozinha, outra paixão. Inventando receitas, preparando quitutes e sempre querendo inovar no almoço. Comemos salgados,

massas, bolos, doces. Se eu falo “queria comer pizza”, ela vai lá e faz, do zero. E os prazeres maiores vêm depois: assistir enquanto a gente se delicia e ouvir nossos elogios sobre a comida. Em pé, próxima à mesa, ela observa enquanto fazemos a refeição. Analisa nossas reações. Se satisfaz com a proeza de nos dar de comer. Mas não sei se isso era suficiente naquele momento.

— Eu sou uma privilegiada, porque eu me levanto, sei o que tem para fazer para o almoço e eu adoro ficar na cozinha, fico a manhã inteira na cozinha, inclusive tá faltando salsicha e tem que ir atrás de comprar e...

A voz está embargada. Ela solta um riso para tentar disfarçar. É preciso entender que ela não dizia. Nunca disse nada. Não para mim. E eu nunca fui atrás. Assim como a mulher em questão, por personalidade ou aprendizado, cresci com o hábito de guardar para mim. Por isso, naquele dia, quando perguntei, recebi a resposta como um soco no estômago. Eu achava que sabia, mas não estava preparada para escutar.

— Eu sinto que eu tô meio depressiva. Mas eu acho que isso é normal. Espero que seja.

Apesar de admitir a condição angustiante, logo esclareceu que não pensa em sair de casa. Isso nem passa pela cabeça no momento. Eu não sei o que acontece quando os dois caminhos possíveis para alguém trazem sofrimento, mas lá estava ela escolhendo, prontamente, o responsável por preservar sua vida. Ela via amigos e familiares desrespeitando o recomendado e recriminava um a um. Achava um

absurdo! Quando questionada pelos outros eu sempre escutava sua justificativa: “eu não consigo me imaginar em um hospital, entubada”. Eu conseguia imaginar, mas não queria.

Depois de um momento de silêncio, ela soltou: “sinto falta da minha neta”. À menção da criança de cinco anos, que estava durante todo esse período sem visitar a avó, o choro foi imediato. Perceba: ela mata e morre por essa criança. Era um desejo muito antigo. Quantas vezes a escutei murmurar pela casa “será que eu vou morrer sem ter um neto?”. Então, quando a pequena chegou, ela não trouxe só alegria para a família, mas também resignificação para a vida daquela avó. A menina era seu ponto fraco. Com os olhos marejados, observava a fotografia no descanso de tela do seu celular, um registro feliz das duas, e o pensamento parecia ir longe. Ainda sem estar totalmente ali, desbloqueou o aparelho e clicou aleatoriamente no aplicativo da calculadora. Deixei-a ficar um tempo assim, até trazê-la de volta.

— Tá fazendo o que na calculadora?

— Nada, só tava desmanchando umas coisas aqui...

— A senhora não gosta de falar dela?

Em meio a fungadas, eu escuto um sussurro de “não”, pronunciado com uma voz tremida. Mais um momento de silêncio.

Eu estou em agosto escrevendo este texto e reviver aquele momento ainda faz minhas lágrimas quererem

dar o ar da graça. Se eu conseguisse lembrar, provavelmente contaria as vezes em que a vi chorar nos dedos. De uma mão. Não sabia a extensão daquela dor, nunca saberia. O que eu sabia era que não havia muito o que se fazer, e talvez isso doesse ainda mais. Ela é uma pessoa calejada. Não muda. Aos 71 anos também não sei se terei paciência para rever atitudes e comportamentos, apesar de desejar profundamente que ela o fizesse. Sem nunca esconder a personalidade engessada, admitiu que nem traça planos para o fim da pandemia. Aliás, o plano era continuar a viver a vida de sempre, a rotina nos supermercados. Bom, se a felicidade é isto, que mal tem? O problema é que eu não sei se de fato é a felicidade, e ela não me deixaria descobrir. Quando decidi começar essa conversa, tinha o desejo de conhecê-la mais a fundo, de saber o que se passava por sua mente, que aflições ela guardava. Descobri que ela não estava bem, mas isso eu já imaginava, e entendi que continuar do jeito de sempre seria sua escolha. Ela lá e eu cá. Decidi, então, fazer uma última tentativa, uma última escavada naquela mina de sentimentos.

Acontece que ela vive com uma filha de temperamento igual ao seu, e duas cabeças quentes juntas tendem a criar incêndios. As discussões, que sempre fizeram parte da rotina, foram intensificadas pela reclusão em casa. Envolviam os assuntos mais básicos da convivência. Ela exclamava: “pra que essa lâmpada acesa? Tá gastando muita luz”, “você não sabe escolher fruta, vou ter que sair de casa para comprar certo”, “cala a boca desses teus passarinhos aí, que eles só encham o saco”; ao passo em que ela escutava: “a senhora não pode comer essas coisas cheias de gordura”, “meu Deus, você deixa a



cozinha imunda”, “ela não pode vir para cá, a gente tá no meio de uma pandemia!”. Uma guerra diária. Dei uma risada. Eu sabia exatamente como isso iria acabar.

— E os conflitos dentro de casa?

— Conflito? — os olhos se arregalam, a boca se abre. É quase teatral. A expressão de surpresa é a melhor parte

— Eu com ela? Nem ligo mais. Ela fica nervosa e solta em cima de mim.

— A senhora acha que também não fica nervosa e solta em cima dela?

— Eu revido, né!

— Mas já que a gente tá nessa situação, a senhora não vê um jeito de amenizar as coisas?

— Como assim? Ela soltar os bicho em cima de mim e eu ficar quieta? Não...

— Mas a senhora não acha que podia tornar a experiência de isolamento mais saudável?

— Eu não, minha filha, porque eu sou assim, meu jeito é esse mesmo. A pessoa ficar 74 dias trancada e ainda ficar... não, eu acho que eu sou muito é calma, é...

— A senhora se orgulha do seu jeito?

— Eu não me orgulho, não, eu só sou assim e não vou mudar e me sinto bem sendo assim.

— Isso parece orgulho.

— Então pronto. O que tu tá escrevendo aí?

— Só uns pontos da conversa.

— Acabou? Estou dentro de uma sauna. Cadê o ventilador? Preciso mandar comprar presunto, mas vê se come, viu? Senão estraga...

Menina, onde eu deixei meu celular, deixa eu procurar...

será que sua tia me ligou? Sabe, ela tá meio sozinha e...

sim, presunto...

CEU

10

8 9

7

5 6

4

2 3

1



INFERNO

psicológica

---

O que é o coronavírus? Ele é... calma! Não fala, eu sei o que é. Já sou grande, a mamãe diz que eu já sou um homenzinho de 4 anos. O corona é uma coisa que fica lá fora de casa e ele não dá pra ver... é tipo plástico, não, plástico não, é invisível! Não dá pra ver, por isso que a gente chama de invisível, porque não dá pra ver assim como dá pra ver as pessoas.

E ele é mau, não deixa a gente sair de casa, a gente tem que ficar dentro de casa, tem que ficar isolado e tem que aguentar e não dá pra sair. E só o povo que é porquinho sai sem máscara. A máscara é boa pra gente se proteger do corona. Quem sai sem máscara fica com coronavírus, e não é bom, é muito, muito, muito ruim. A gente tem que ir pro hospital e a gente pode até morrer.

Tipo assim, a minha tia disse pra mim que ela ficou triste,

ficou chorando lá no quarto dela, por causa que uma amiga dela pegou corona e morreu... é muito ruim isso, muito, muito, muito ruim mesmo, porque a gente não pode mais viver... e não é bom a gente ficar sem sobreviver, porque não dá pra gente respirar, e é muito ruim isso. Porque, quando a gente morre, a gente vai morar com o papai do céu, e todo mundo aqui fica com saudade... E acho que eu também ficaria com saudade da mamãe... e do papai... e de açaí, se eu fosse morar com o papai do céu.

Eu amo açaí e aí, quando chega na minha casa, a mamãe tem que higienizar, porque o coronavírus pode ter sujado o açaí, e aí não pode comer antes de higienizar, mas depois fica tudo limpo.

Mas antes, beeeem no comecinho, eu gostava desse tal de coronavírus. Conseguí passar o maior tempão com o papai e a mamãe! Dentro da nossa casinha, só nós três, a gente brincava de tudo. Eu amo fazer slime e desenhar. E antes eles sempre tinham que trabalhar e não podiam brincar comigo. Trabalho é ruim, eu odeio trabalho. Não sei pra que todo mundo fica fazendo isso: eles, minha tia, minha dinda... bom mesmo é brincar, brincar e brincar o dia todo!

Outra coisa legal foi que fiquei sem ir pra escola, que eu não gosto. Acho muito chata, não gosto de ficar longe dos meus pais. Então eu brinco, brinco, brinco, passo o dia inteiro brincando, às vezes almoço enquanto brinco. Quando a gente vai comer, a gente tem que ficar mastigando enquanto a comida tá na nossa boquinha, pra não ficar engasgado. Por isso que a gente não pode

falar enquanto come, né, mas depois de mastigar pode brincar.

Mas aí... o papai e a mamãe voltaram a trabalhar e não têm mais tanto tempo pra mim... e eu parei de gostar desse corona. Gosto de ficar com meus pais o tempo todo, mas eles continuam trabalhando. Trabalho não é bom. Ficar brincando é mais divertido. Eu gosto muito, muito, muito de brincar de matemática, de amarelinha...

Não aguento mais ficar dentro de casa, quero sair com meus colegas. Ficar dentro de casa sem fazer nada é muito, muito, muito ruim! Antes, a gente podia fazer as duas coisas: ficar em casa e sair. Sair pra tomar um graaaande banho no mar, ah! Eu amo fazer isso! E é muito bom, a gente pode ficar na piscina, pode brincar de castelinho de areia, também pode beber água de coco, comer uma batatinha frita... Agora, a gente não pode brincar na grama, não pode jogar bola, e brincar de algumas coisas que não dá pra fazer dentro de casa.

E depois ainda começaram as aulinhas online, porque não pode ir pra escolinha, né, e tem que continuar estudando pra não ficar burrinho. Até tem algumas brincadeiras que eu gosto. Tipo quando a tia Carla, a minha professora, fala algum objeto e a gente tem que correr pela casa pra achar! Essa eu adoro, é muito legal.

Mas é muito difícil prestar atenção, eu não consigo entender a professora muito bem, e eu sinto tanta falta dos meus coleguinhas! E imagina quando a internet tá ruim? Por isso que eu prefiro ficar assistindo Chiquititas e sempre faço malcriação na hora da aula. Eu sei que é



errado e deixa a mamãe triste, mas é que me deixa um pouquinho triste também...

Outra coisa que tá me deixando muito tristonho é que eu faço muito xixi. Eu não entendo por que acontece, mas começou nessa quarentena. Eu faço xixi o dia todo, muitas vezes por dia. Vou correndo pro banheiro e às vezes nem sai nada, é só a vontade. E eu não entendo, mas me incomoda muito. Ficar com vontade de fazer xixi o tempo todo é muito chato!

Então a mamãe me levou pra doutora Joana, que é sempre muito boazinha comigo. Ela disse que isso podia tá acontecendo porque tinha uns micróbios no meu piu-piu, e eu tinha que tomar um remedinho pra passar. Eu fiquei tão feliz! A vontade de fazer xixi ia passar.

Mas aí ela não passou, e eu não entendi. Nem a minha mamãe. Mas acho que ela conversou com outros médicos porque, depois de um tempo, a mamãe disse que essa vontade que eu sentia toda hora era psicológica, e que era por causa da ansiedade. Eu não sei quem é essa ansiedade e nem o que é psicológica, mas, pelo o que a mamãe me disse, é alguma coisa que vem da minha cabecinha.

Eu ouvi a mamãe dizendo pro papai que essa ansiedade pode tá fazendo outra coisa comigo. É que eu aamo lavar a mão, e nessa quarentena eu tô lavando muito mais, né? Pra me proteger do coronavírus. Eu lavo antes e depois de comer, e também depois de ir pro banheiro. Lavo sempre que eu pego em alguma coisa melada ou molhada mesmo. Odeio coisas molhadas! Lavo quando



derramo suco ou outra coisa nela, ou quando brinco de massinha ou slime. Lavo várias vezes ao dia!

Também odeio sujeira, e acho que piorou por causa do coronavírus. Quando eu tô comendo e acabo sujando a minha roupa, mesmo que seja bem pouquinho, eu preciso trocar. E lavar a minha perninha ou bracinho se também tiver sujado. Teve uma vez que eu derramei farelo de pão na cadeira e precisei sentar em outro lugar!

Se a gente não lavar a mão e não tomar banho, a gente pode ficar com o corona, mesmo dentro de casa. Eu tomo banho, escovo os dentes, lavo o rosto e as mãos todo dia. Mas eu não entendo como isso pode ser ruim. Eu só quero ser limpinho e me proteger do coronavírus...

Depois que acabar isso... na verdade eu fico achando, assim, que nunca vai acabar, e eu choro quando penso nisso. E aí, às vezes, a gente fica isolado dentro de casa, mas não é pra ficar isolado do jeito triste, sabe? Isolado da mamãe, do papai... não é bom, não é pra gente ficar isolado. Às vezes, eu fico com vontade de ficar desse jeitinho, só deitadinho, mas lembro que a mamãe disse que não pode.

Sinto muita saudade de brincar de amarelinha na escola com os meus colegas, mas eu não sinto falta da escola. Mas, se fosse pra escolher... acho que... prefiro ficar fora de casa, porque ficar dentro de casa é muito chato. É... mesmo tendo que ir pra escola, prefiro sair na rua.



martinha

---

10h

O celular toca. Hora de acordar. Algumas pessoas acham o horário muito cedo. “você deveria descansar um pouco mais”, dizem, “aproveitar este momento”. Mas eu odiaria perder o dia. Vou tateando pela cama em busca do controle do ar-condicionado e o desligo. Jogo o cobertor para a minha direita e vou direto para o meu banho quente. Levanto bem descansada e pronta para enfrentar o dia. Fazia tempo que não me sentia assim.

Acho que esse período de quarentena tem me revigorado. Quem diria que ficar em casa e se libertar de outras preocupações iria me fazer bem? Agora, não preciso me preocupar com o trânsito, ou com o preço da gasolina. Não me preocupo com que roupa devo ir ao trabalho para garantir o respeito dos meus subordinados,

e, aliás, nem me preocupo mais com trabalho! É claro que a demissão da empresa por corte de gastos me assustou a princípio, mas hoje vejo que foi uma verdadeira benção. Eu precisava mesmo desse tempo para mim, para os meus filhos.

Ah! Meus filhos! Como eu os amo. São dois, uma menina e um menino, de 6 e 2 anos, respectivamente. São meu maior tesouro. Super danados, adoram brincar o dia inteiro. Não sei como a Marta sempre teve tanta energia para aguentar essa animação toda o dia inteiro. Martinha é um anjo na minha vida, praticamente da família.

11h

Depois de um banho relaxante e de tomar meu café da manhã, posso brincar com meus queridos. Outra coisa que mudou com a quarentena foram meus hábitos, que estão bem mais saudáveis. Com a correria do dia a dia, é muito difícil ter tempo para cuidar de si e ter uma refeição apropriada. Eu costumava engolir um café com leite com algumas torradas mas, hoje, posso sentar com tranquilidade e apreciar minha salada de frutas, meu ovinho mexido com cúrcuma e uma fatia de pão integral. Admito, nem sempre o mamão está docinho do jeito que eu gosto, mas sei que a Martinha escolhe as frutas no supermercado com muito amor.

Meus pequenos acordam bem mais cedo do que eu, afinal, é muita energia acumulada nesses corpinhos miúdos! Quando é a hora das nossas brincadeiras, eles já estão banhados e de barriguinha cheia, de modo que eu posso me dedicar totalmente aos momentos de

diversão. E, nossa, como eles amam! Fazemos cabaninha, assistimos a desenho animado e, claro, brincamos de esconde-esconde. Mas o Pedrinho não é muito bom nisso. Ele não consegue ficar muito tempo escondido e logo revela onde está. É uma graça.

Esse tempinho de brincadeira também é uma forma de ajudar a Marta. Imagina ter que fazer o almoço com duas crianças perturbando o tempo inteiro? Sinceramente, não sei como ela conseguia enquanto eu passava o dia inteiro fora, trabalhando.

13h

Na hora do almoço, eu nunca esqueço de agradecer a Deus pela mesa farta. Antes refém de comidas rápidas e industrializadas, as únicas que se adequavam ao meu dia a dia, ter agora uma comida fresquinha e saudável não tem preço. Não há nada como a comida feita em casa. Um saladinha, arroz, feijão, carne... o básico mesmo. Percebi que não é necessário muito para ser feliz.

Além disso, foi na quarentena que eu passei, pela primeira vez, a comer na mesa com meus filhos. Enquanto eu almoço, Martinha dá a comida do Pedrinho. A Duda, esperta como é, já come tudo praticamente sozinha. Me encho de orgulho. Não sei bem como ela aprendeu.

Quando terminamos de almoçar, volto a ficar com as crianças, enquanto Marta aproveita para comer e dar um jeito na cozinha. Você sabe, né, uma mão sempre lavando a outra.

17h

Mais ou menos às 17h, aproveito para tirar um cochilo de meia horinha antes da minha aula de yoga. Gasto muita energia com as crianças durante o dia e preciso me recarregar antes do meu exercício.

A yoga foi uma prática que eu também descobri durante a quarentena, uma amiga me indicou. Três vezes na semana, uma professora dá aulas online pelo Instagram, e a gente acompanha em casa. Estou na terceira semana agora de exercício e nossa! Como a minha vida mudou! Me sinto mais calma, mais leve e mais paciente. A ansiedade, que enfrentei principalmente após a demissão, foi controlada, e percebi que o momento de pandemia poderia ser uma chance de autoconhecimento.

Aliás, meu sonho é chamar a Martinha para fazer uma aula dessas comigo. As crianças não deixam, é claro. Mas qualquer dia desses em que eles tiverem mais calminhos, vou colocar um desenho na TV e roubar a Marta nem que seja só por uns minutinhos. Todo mundo merece uma pausa.

Esse momento se tornou verdadeiramente importante para mim. É um momento meu, comigo mesma, totalmente dedicado para mim. Eu não sabia o que era isso, vivia para trabalhar. Hoje, sei que minhas prioridades estavam equivocadas. Sei que conquistar o sustento para a minha família é imprescindível, mas cuidar dela emocionalmente é ainda mais. Meus filhos não tinham mãe, tinham uma turista dentro de casa.

19h

Depois da yoga, me junto aos meus filhos e à Martinha na sala. Em geral, a TV está ligada em algum desenho infantil, enquanto eles dividem a atenção entre as imagens e o mar de brinquedos espalhados pelo tapete. São tantas cores e formatos, sempre fico estarrecida. Revezos entre participar da brincadeira e só observá-los. Nem consigo acreditar na quantidade de coisa que perdi do crescimento deles. A primeira palavra de Pedrinho foi “mamãe”, mas ele não olhava para mim.

22h

Às 22h, eles já estão banhados e na cama. Marta se recolhe no seu quartinho, para ter seu momento de paz. Às vezes, convido os dois para assistir a um filme comigo no meu quarto. Eles se aninham perto de mim, embaixo do cobertor. A luz desligada, o clima friozinho, e os pequenos acabam dormindo ali mesmo.

Outras vezes, escolho ler um livro, tomar um vinho, assistir à minha novela. Às vezes, pinto minhas unhas, faço uma esfoliação... é um momento que eu tiro para o meu bem-estar. Tento aproveitar ao máximo essa chance que Deus me deu de, finalmente, me cuidar como eu mereço.

Já deitada na cama, reflito sobre o contexto do mundo, sobre como algumas pessoas são ingratas e sobre como focar nos acontecimentos ruins não nos leva a nada. Penso no quanto a minha vida se transformou, e penso na pessoa que me tornei. Uma mãe dedicada e uma



mulher equilibrada. Agradeço por ter a Martinha na minha vida e penso como agora somos iguais. Duas pessoas tentando lidar com uma casa e duas crianças, uma ajudando a outra. Viramos parceiras.

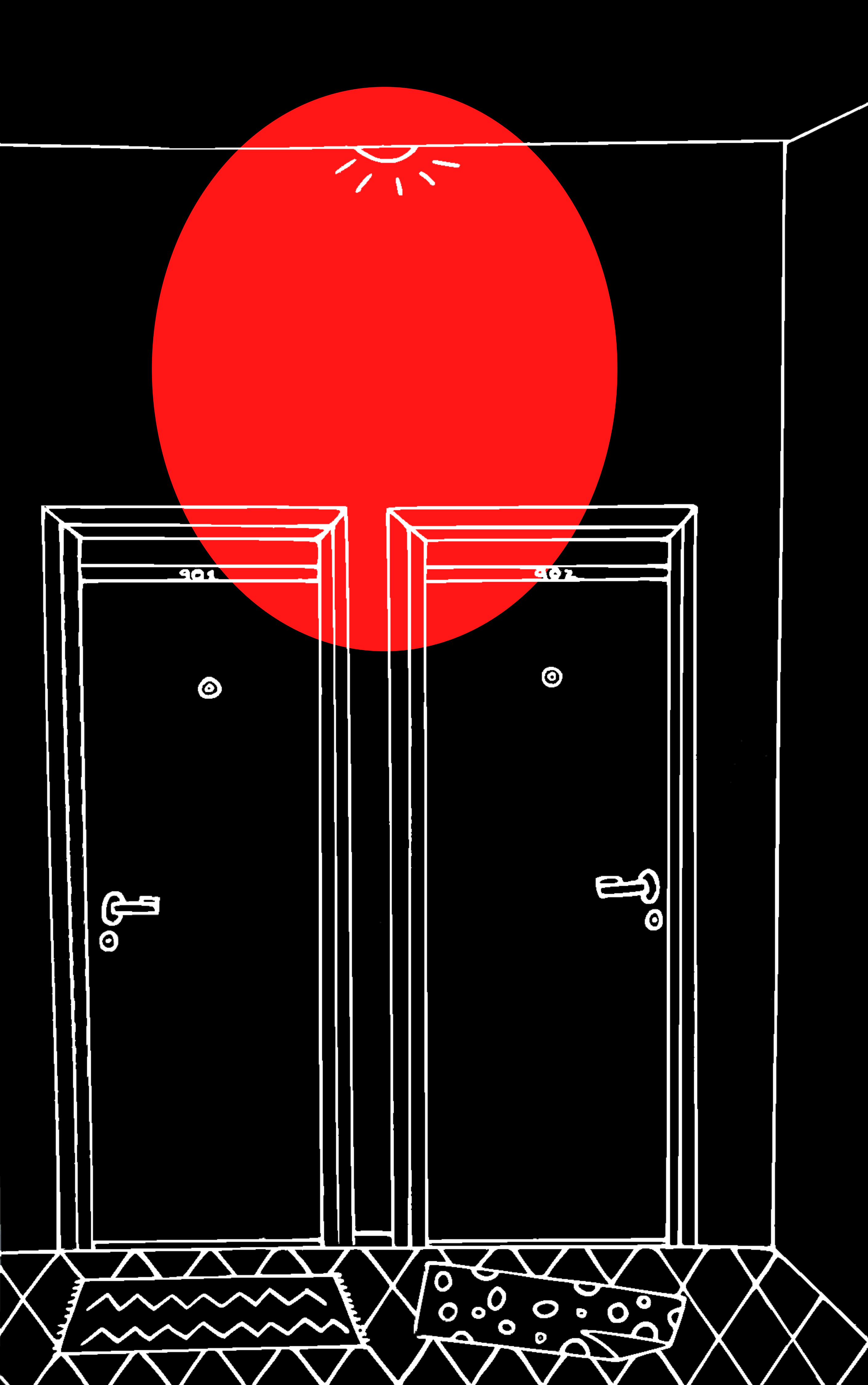
É como eu vi no Instagram ontem mesmo: "Algo invisível chegou e colocou tudo no lugar. De repente os combustíveis baixaram, a poluição baixou, as pessoas passaram a ter tempo, tanto tempo, que nem sabem o que fazer com ele. Os pais estão com os filhos, em família. O trabalho deixou de ser prioritário, as viagens e o lazer também.

De repente silenciosamente, voltamo-nos para dentro de nós, para entendermos o valor da palavra 'solidariedade'. Num instante, nos damos conta de que estamos todos no mesmo barco, ricos e pobres, que as prateleiras dos supermercados estão vazias e os hospitais cheios e que o dinheiro e os seguros de saúde, que o dinheiro pagava, não têm nenhuma importância, porque os hospitais privados foram os primeiros a fechar. As garagens e os parques estão parados, igualmente os carros top de linha ou ferro-velhos antigos, simplesmente porque ninguém pode sair.

Bastaram meia dúzia de dias para que o UNIVERSO estabelecesse a igualdade social, que se dizia ser impossível novamente. O medo invadiu a todos. Que isto sirva para nos dar conta da vulnerabilidade do ser humano. Não se esqueçam, bastou meia dúzia de dias".\*

---

\*Texto publicado pela influencer Gabriela Pugliesi no seu Instagram, em abril de 2020, acerca da pandemia causada pelo coronavírus. Após repercussão negativa, o post foi deletado.



ao lado

---

Eu tinha um bom marido, respeitoso, de caráter e trabalhador. Meio preguiçoso em casa, talvez, e um tanto quanto relaxado na aparência, mas não se pode ter tudo. Tínhamos o nosso apartamento, comprado com muito esforço em um bom bairro da cidade, carros próprios e empregos estáveis. Mas eu não tinha uma amiga.

Por isso, quando a minha vizinha Teresa chegou, eu vi uma chance. Era uma mulher mais ou menos chegando a 40, assim como eu, casada e com um filho pequeno. Achei que era aquilo.

Mas, na verdade, Teresa sempre foi muito reservada. Ficava o dia inteiro em casa, pelo que eu notava. Várias vezes, quando eu chegava do trabalho e a encontrava esfregando a porta de entrada do próprio apartamento, percebia que ela estava com a mesma camisola gasta

de quando a via dar um beijo de despedida no filho, antes de ele sair junto ao pai pela manhã.

Enquanto um estava no trabalho e o outro estava na escola, ela ficava fazendo sabe-se lá o quê. E, sempre mal-humorada, algo naquele rosto cerrado, de boca para baixo e olhar longe, me dizia que ela não era do tipo que tinha o costume de sair com amigas. Por isso, quando decidi puxar conversa fiada com Teresa, achei que seria muito bem recebida como distração de um fim de tarde enfadonho.

— Sabe que eu nunca tinha visto ninguém com o hábito de limpar a porta da frente como você? Todo dia a mesma coisa... é alguma simpatia? — perguntei, depois de um dia de trabalho, enquanto procurava a chave de casa na bolsa.

— Não... — ela riu, talvez com vergonha — É que, quando o Roberto chega do trabalho, ele gosta de entrar em casa já sentindo um cheirinho bom...

Parei, a mão entre uma girada de chave no trinco. Virada para ela, arqueava uma sobrancelha.

— Quanta dedicação, hein! Jamais faria isso para o meu — soltei aquele tipo de risada para socializar. Ela me respondeu com outra, mais fraca — Mas você não cansa, não? — tentei continuar a conversa.

— Ah! — ela parecia surpresa com a minha insistência no diálogo — Não, não, imagina... é só passar um pano rápido... viu? Já até acabei! — mais risadas do tipo que as

duas sabem que são falsas, mas ignoram pelo bem da socialização.

Percebi, então, que aquela era a minha deixa. Demos boa-noite e entrei em casa. Talvez, para um homem como o marido de Teresa, aquele não fosse um pedido tão estranho. Ele era tão...

Enquanto eu desabava no sofá e lutava para livrar meus pés daqueles sapatos ridiculamente apertados porém lindos que eu comprei mesmo sendo um número menor do que o que eu uso porque eram os únicos daquele modelo disponíveis na loja por causa da promoção, uma visão me tirou da linha de raciocínio.

Sempre que chegava do trabalho, Leandro tinha a brilhante ideia de tomar um banho bem demorado, não sem antes deixar as roupas que tinha usado jogadas no chão, em frente à porta fechada do banheiro. Eu daria um milhão de reais a quem descobrisse por que diabos ele não deixa a roupa DENTRO do banheiro. Em quantos dias, até me acostumar com esse hábito ridículo, eu já não tinha escorregado naquela pilha de tecido depois de um dia tão cansativo que meus olhos só conseguiam focar na cama dentro do cômodo do final do corredor? Incontáveis.

Era injusto olhar para aquilo e pensar em quem vivia no apartamento vizinho. O marido de Teresa tinha uma postura impecável e uma aura de quem parecia valorizar e se orgulhar de tudo que vestia. A cor do paletó escuro sempre tão lisa como a lataria de uma Hilux. O nó na gravata perfeito. Os sapatos sociais brilhando. A barba e

o cabelo milimetricamente cortados, com os fios na cabeça cuidadosamente penteados para o lado esquerdo, formando um topete discreto. Os óculos de grau de lentes retangulares, simples e elegantes. Um olhar que não escondia que enxergava as outras pessoas com superioridade, e quase fazia você agradecer por isso. O maxilar que parecia ter sido especialmente moldado, tão marcante quanto o cheiro do perfume que empestava o elevador todo dia de manhã.

Suspirei. Levantei do sofá com os sapatos em uma mão e com a outra catei do chão as roupas jogadas para colocar no cesto de roupa suja. Deitei na cama para esperar que ele saísse do banho mas nem preciso dizer que meus olhos acabaram ficando fechados até a manhã seguinte.

Os dias se passavam assim: eu mal tinha contato com a família ao lado. No máximo, eu e Leandro pegávamos o elevador junto a Roberto e a criança pela manhã, e à noite eu encontrava, quase sempre, Teresa a limpar a porta em sua rotina incansável. De Roberto, o único sinal que eu tinha no fim do dia era nas vezes em que, ao levantar para pegar um copo de água na cozinha e em seguida me preparar para dormir, do lado de fora eu ouvia o barulho de chave rodando e o tilintar de garrafas de vidro que pareciam se bater dentro de algum tipo de sacola. E, é claro, o perfume inconfundível.

As tentativas de conversas com Teresa naquele rápido intervalo entre achar a chave dentro da bolsa e entrar em casa após um dia de trabalho eram frustrantes.

Perguntas como “como vai o marido e o filho?” nunca eram bem-vindas. A cara fechada, o jeito reservado e as estratégias para fugir dos questionamentos deixavam isso bem claro. Queria que ela tivesse o desleixado do meu marido no lugar para saber como é ter motivo de verdade para aquele mal humor diário.

De modo que, quando a quarentena começou, imaginei que aquela família ia desaparecer de vez dos meus pensamentos. Cada um dentro da sua casa, cuidando da sua vida e sem os eventuais encontros nas dependências do prédio. Mas as paredes finas e a acústica dos apartamentos pequenos me impediram de esquecê-los totalmente. Não me leve a mal, não que eu seja do tipo fofoqueira, mas, quando se está presa em casa, qualquer detalhe fora da realidade daquele ambiente desperta nem que seja o mínimo de interesse.

A primeira coisa que notei foi que algum deles não estava cumprindo muito bem o isolamento, e pelo rastro de perfume e o tilintar de garrafas a minha aposta era no marido. Os barulhos de chave rodando que indicavam uma saída e uma volta não eram separados por um grande período de tempo e podiam ser ouvidos ao longo de todo o dia, no começo sendo de cerca de duas a quatro vezes por dia, com a quantidade aumentando exponencialmente com o passar dos meses. Não que fosse da minha conta.

Também era comum ouvir o barulho de portas batendo. Essa última circunstância eu sempre relacionava ao garoto. Ficar presa dentro de casa foi o único momento da minha vida em que eu não invejei quem tivesse um



útero funcional.

Quando encontrei com Teresa pela primeira e única vez no prédio durante a quarentena, as duas, coincidentemente, tinham saído ao mesmo tempo para colocar o lixo na lixeira correspondente do andar, na área da escada de emergência. Ela carregava uma grande caixa de papelão com inúmeras garrafas de vidro, que agora eu podia ver que eram de cerveja.

— Quarentena animada a de vocês, ein! — comentei, rindo, enquanto olhava para as garrafas.

— Ah... — riu, envergonhada. — isso aí é coisa do Roberto, ele...

— Se eu não continuasse trabalhando tanto nessa pandemia, minha caixa estaria igual à sua — gargalhei. Eu queria que ela se soltasse, finalmente mostrasse algum resquício de diversão. Mas ela só desconversou, encabulada. Então continuei — Depois que tudo isso acabar, vamo tomar uma juntas! — saí dizendo, enquanto voltava para casa. Lembro dela rir de volta, concordando com a cabeça. Foi a última vez que vi Teresa.

Depois de uns meses, acordei um dia e não escutei nenhum barulho familiar vindo do apartamento ao lado. Depois de uma semana, cheguei a interfonar para o porteiro, por estranhar a situação e o silêncio constante. Quem sabe ele soubesse de algo. Ele disse que a família tinha se mudado. Um dia, de madrugada, os três saíram com algumas malas e foram embora no carro da família. Achei estranho, mas não fui atrás. Tem coisas que é

melhor a gente não se meter. Dessa vez não tinha dado certo, mas quem sabe na próxima eu arranjava uma amiga.



amém

---

Pai,

Mais uma vez aqui, querendo conversar com o Senhor. Queria te dedicar mais do que alguns minutos do meu intervalo nessa cabine no banheiro, mas tenho certeza que o Senhor deve entender. Os intervalos têm se tornado mais raros. Enfim, vou fazendo logo os pedidos.

Pai, abençoa a minha família e continua mantendo-os livres desse vírus maldito. Eu posso falar "maldito"? Perdão. Me ajuda, também, a aceitar essa saudade que acaba comigo, porque eu sei que foi melhor para os meus pais terem ido ficar no interior, e só de ter essa possibilidade de afastá-los desse mal já é motivo de agradecimento.

Pai, abençoa a alma da Jorgiane, ela deve tá chegando

para morar com o Senhor Jajá. Fiquei sabendo hoje que ela não resistiu ao vírus e já é a quinta profissional da área que eu conheço que se vai. Queria pedir perdão também porque, por várias vezes, quando a encontrava nos corredores na troca de turno, pensava comigo mesma que ela tinha uma cara enjoada e um nariz muito feio. Espero que ela, ao seu lado, também possa me perdoar.

Pai, abençoa também a alma do seu Pedro. Eu tinha certeza que esse ia sair dessa. Chegou tão sem alarde, e todo dia melhorava. Mas essa doença é traiçoeira demais... espero que esteja em paz. Ele dizia que a primeira coisa que ia fazer quando saísse daqui era tomar uma dose de cachaça. Não sei se o Senhor concorda, mas espero que realize esse desejo.

Pai, abençoa a recuperação do Diego, ele tá indo tão bem, tem tanta coisa pra viver ainda... tem idade pra ser meu filho. Talvez seja por isso que eu sou tão apegada a Dieguinho. Cuida dele, por favor. Já foram muitas perdas.

Por fim, Pai, queria pedir para cuidar das pessoas que continuam com as sequelas do tratamento, mesmo depois de já terem se livrado do vírus. A entubação que a gente faz pode ser muito invasiva, principalmente para os mais velhos, mas... é o único jeito.

Por favor, me dai forças. O cotidiano de cuidado com os pacientes de cama e inconscientes, dando banho e medicação, continua. Ainda tenho que lidar com quatro pacientes para dois profissionais, pacientes que requerem extremo cuidado e que, não raramente,

apresentam uma piora súbita no quadro. Continuo correndo para lidar com as quedas repentinas de saturação. Todo dia alguém precisa de mim correndo pra lidar com medicações. Todo dia a febre de alguém sobe de repente. As pessoas continuam chegando e ninguém aqui sabe mais quem é médico, quem é enfermeira, quem é fisioterapeuta, nada. Acho que tá todo mundo no mesmo desespero. Mas eu imagino que tudo isso o Senhor já sabe.

Meu pai me perguntou, sabe? Em uma das nossas tantas ligações para matar a saudade, ele questionou o porquê de eu continuar nessa área. E eu hesitei em responder, Senhor, perdão.

A gente escuta tanta notícia de morte. Pacientes, colegas de trabalho. Mesmo se tratando de pessoas distantes, mesmo sendo pessoas que eu conhecia pouco, eu não consigo não me perguntar qual vai ser o nome lamentado no dia seguinte. E eu sei que talvez seja de alguém próximo, de alguém amado, de alguém da minha família. Sei também que talvez seja o meu. Vai ser o meu, Pai?

Tem gente que me pergunta como eu consigo continuar nisso, mas qual seria a outra opção? Eu acredito que o Senhor me colocou aqui por um motivo e que tudo está nas tuas mãos. Eu preciso acreditar nisso. Quando a minha chefe diz que o medo dela é a gente não aguentar toda essa pressão e eu encaro aquele rosto retorcido de nervosismo e medo, o que eu posso fazer além de continuar com o meu trabalho?

Desculpa por colocar tantas reclamações, eu sei que tenho que agradecer. Agradecer pela honra de servir como instrumento para que o Senhor possa salvar vidas. Agradecer por ter sido útil nessa tarefa. Agradecer por ter escolhido essa profissão e por poder cuidar das pessoas enquanto vários outros profissionais tiveram que se afastar por serem do grupo de risco. Agradecer por conseguir ser ágil, ser forte. Agradecer simplesmente por estar viva. Essa doença trouxe camadas e mais camadas de dores, e está cada vez mais difícil permanecer forte. Eu conto com o Senhor. Eu só consigo com o senhor. Por favor, olhai por nós.

Amém.





alta tensão

---

Ok, então vamos lá, eu consigo fazer isso. Respiro fundo. O álcool em gel tá bem ali e tô de calça comprida com uma blusa de mangas longas. Tá um calor infernal, mas vou fingir costume. Meu cabelo tá horrível, preso em um coque, e eu vou ter que sair sem meus óculos só pra não ter mais alguma coisa pra limpar. Calço os sapatos que já estão do lado de fora da porta, como mandaram na televisão. Na bolsa, só o essencial: cartão de crédito, folhas de papel toalha, miniálcool em gel e a chave do carro. Com tudo pronto, ponho a máscara. Tô pronta pra ir às compras.

Uso o papel pra clicar nos botões do elevador, porque eu não sou boba, né, minha filha? Assim que possível, vou jogar no lixo. Lá dentro, fico bem no centro, longe das paredes, quietinha. Ele para três andares abaixo do meu e algum cara-de-pau acha que é de bom tom

dividir esse passeio comigo. Francamente, viu! Seguro minha indignação. Pra sorte dele, metade do meu rosto tá escondido atrás da máscara e ele não vai precisar ver a cara feia que eu tô fazendo. Quando chegamos ao térreo, ele abre a porta pra mim e, pela primeira vez, agradeço esse costume tosco. O mínimo que ele podia fazer depois dessa, né?

Chegando ao carro, raciocino antes de abrir a porta. Saí de casa com as mãos limpas e não encostei em nada no elevador. Beleza, tudo bem. Penso de novo. Passo um pouco de álcool em gel nas mãos, pra prevenir. Não custa nada, né? Na verdade, custa, e tá meio em falta, mas esse problema eu resolvo depois.

Paro o carro no estacionamento do supermercado. Costumo sair cedo de casa, cerca de 6h da manhã, exatamente pra pegar o lugar mais vazio. Só que, de uns tempos pra cá, parece que as pessoas tiveram a mesma ideia que eu. Pense num inferno, viu?

Mas bora lá pro primeiro passo: higienizar o carrinho do supermercado. Pego um papel toalha na minha bolsa, despejo álcool em gel e limpo bem ali no puxador. Só Deus sabe a quantidade de gente que já deve ter encostado aqui. Fiz uma lista de compras em casa pra ficar ali pelo menor tempo possível. Acha mesmo que eu vou ficar aqui dentro comendo mosca, pensando na próxima coisa que eu vou comprar? Não tem o P de perigo.

Putá que pariu, coceira no nariz. Era só o que me faltava. O que eu faço agora? Não posso usar minhas mãos, elas

com certeza estão infectadas. Posso usar meu braço pra aliviar? Será que encostei em alguma coisa e não percebi? Mas eu esfregaria meu rosto no meu braço com máscara e tudo? Não posso tirar minha máscara, não com essas mãos. É isso, vou coçar com máscara e tudo no meu braço. Deus abençoe. E todos os outros deuses também. Vírus maldito.

Finalmente chego ao caixa. Ninguém respeitando o distanciamento na fila, ô novidade. Às vezes, eu finjo uma tosse pra ver se o pessoal se afasta. Pelo jeito, só presta se for assim. Pago no cartão, pra não ter perigo de receber troco, e também uso um pedaço de papel toalha pra digitar a senha. Coloco as compras nas sacolas eu mesma e as carrego até o carro parecendo o Cristo Redentor, pra não encostar as compras na roupa. O que eu puder fazer pra evitar contaminação, eu vou fazer. Pessoal fica dando mole... me poupe.

Chego no carro. Coloco as compras no chão. Busco a chave do carro na bolsa. Eu sei que tudo que tá dentro dela já pode tá contaminado, mas mantenho em mente que eu vou limpar tudo quando chegar em casa. Então tudo bem. Destravo o carro e guardo as compras na mala. Antes de entrar, passo álcool em gel nas minhas mãos. E um pouco na chave. Na minha lógica, é mais fácil pra mim manter o carro como um lugar livre do vírus. Na minha cabeça faz sentido, sabe?

Chego em casa, estaciono o carro, pego as compras e vou esperar o elevador. Deixo as compras no chão e pego, de novo, o papel pra apertar os botões. Eu sei, eu sei que as minhas mãos tecnicamente tão sujas das

sacolas, mas, e se elas não tiverem, hein? E se na verdade o vírus estiver nesse botão? HEIN?

Entro no meu apartamento e deixo as compras bem perto da porta. Também deixo a minha bolsa lá. E as minhas roupas. E a máscara. Vou direto pro banho. Mas, antes, passo um pouco de álcool em gel nas mãos. Não posso infectar o box do banheiro, né?

Banho tomado, cabelo lavado, limpa novamente. Coloco outra máscara pra lavar as compras. Meu cunhado mandou uma mensagem no grupo da família dizendo que, quem lavava as compras sem máscara, podia inspirar alguma partícula contaminada, porque não ia tá cumprindo o distanciamento necessário com os produtos. Olha o perigo! Esse risco eu não vou correr. E já fica de alerta pra você, viu?

Pego as roupas sujas com uma mão e já abro a máquina de lavar com a outra. Chego na pia da cozinha pra começar a higienização de tudo e, num surto de abestadice, abro a torneira com as mãos em vez de abrir com o cotovelo. Puta merda! Infectei a torneira. Pego o detergente. Infectei a embalagem do detergente. Tudo bem, vai dar certo. Limpo a torneira com o detergente, limpo a embalagem e, por fim, limpo as minhas mãos.

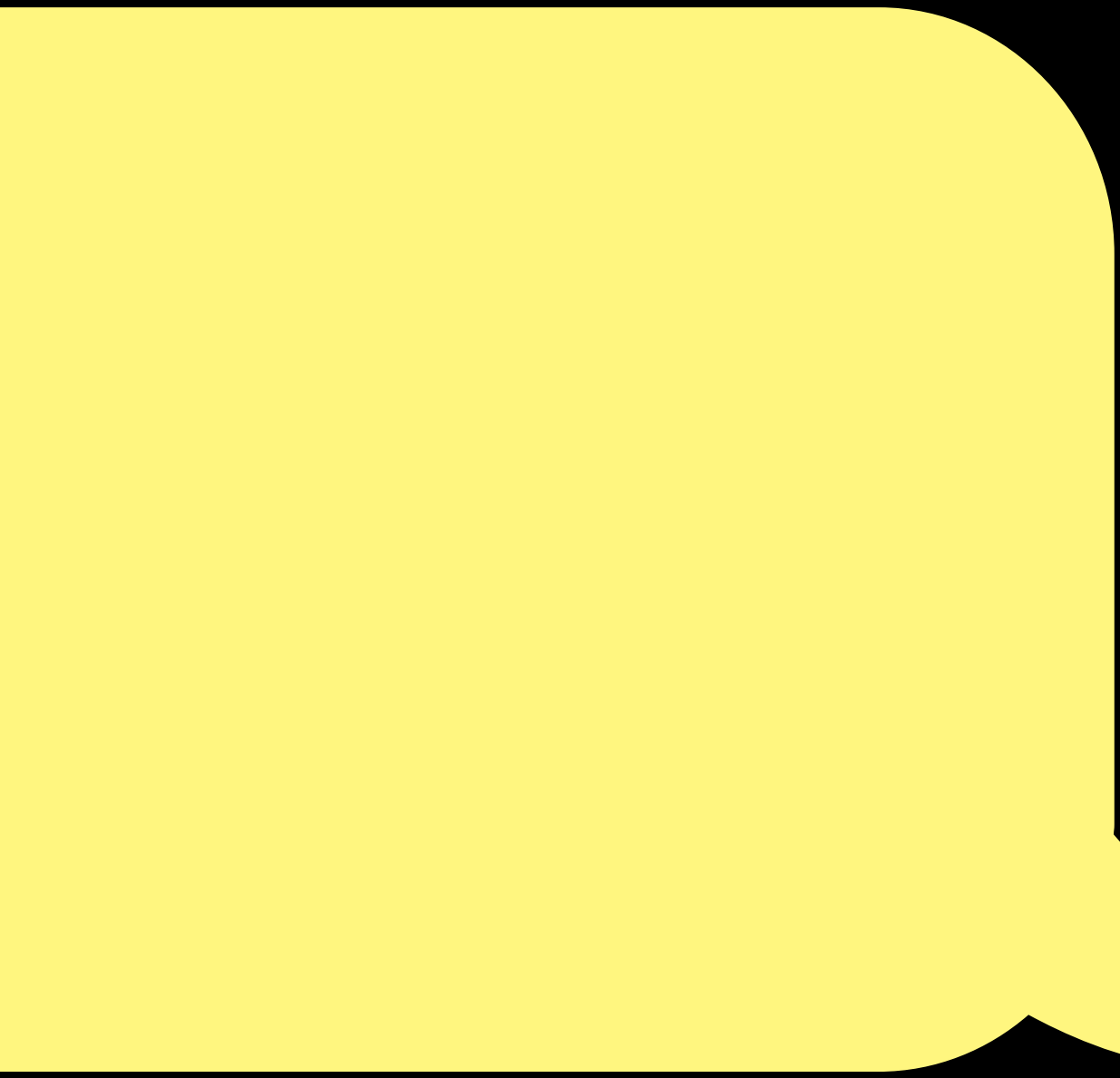
Preparo a bacia com água e hipoclorito de sódio. Deixo o cesto de lixo pronto pra colocar as sacolas de plástico. Pego as sacolas de frutas e verduras e coloco o conteúdo na bacia. Me livro das sacolas. Pego as outras compras e coloco no balcão da cozinha. Me livro das sacolas. Lavo as mãos. Começo a lavar os outros

produtos. Lavo cada item, um a um.

Ao final, olho pra esponja e me pergunto se deveria lavá-la com outra esponja. Seria demais? Talvez não fosse... não, não, com certeza é demais. Né? É sim. Lavo as mãos. Finalizo as frutas e verduras na água corrente. Preciso higienizar o balcão e o chão perto da porta. Recapitulo as últimas coisas que eu fiz. Sim, minhas mãos continuam limpas, mas eu prefiro lavar as mãos antes de pegar os materiais de limpeza.

Por fim, a minha bolsa. Ela vai direto pra máquina e o conteúdo eu boto em cima da minha escrivaninha. Lavo as mãos. Pego o álcool em gel e um papel-toalha. Calculo cada passo. Como são coisas pequenas, simplesmente envolvo com a folha de papel encharcada de álcool e vou limpando. Os deposito em outro local do móvel. Limpo com álcool a parte da escrivaninha em que eu tinha colocado de começo. Lavo as mãos.







mercadinho

Seu Nonato é meu vizinho desde que eu me entendo por gente. Cresci com a minha mãe pedindo pra eu ir comprar no mercadinho dele qualquer coisa que estivesse em falta lá em casa. E quando eu digo qualquer coisa, eu quero dizer, realmente, qualquer coisa. Além das costumeiras compras como frutas, verduras, pão, feijão e arroz, já cheguei ao seu Nonato procurando carregador de celular, remédio pra gripe e cimento pro puxadinho que meu pai tava fazendo lá em casa. Encontrei tudo.

Eu nunca o via fora daquele mercadinho e tinha certeza que ele morava lá. Um dia, quando eu tinha lá pelos 8 anos, perguntei onde ele dormia. Ele me respondeu que deitava em cima dos pacotes de papel higiênico e tirava um sono tranquilo. Tomei aquilo como verdade até os 10, quando minha mãe resolveu trocar o meu colchão e

eu comentei com ela que a gente deveria dar o velho pro seu Nonato. Confusa, eu expliquei o motivo. Depois de uma gargalhada, ela me contou que ele não morava no mercadinho, e sim no apartamento de cima.

Ele é cheio dessas brincadeiras, e cheio de história pra contar. Histórias incríveis, mirabolantes, que faziam minha mãe bater no mercadinho atrás de mim depois de ter pedido pra eu ir comprar alguma coisa porque eu tinha esquecido de voltar, distraído com as anedotas. Sempre de boné e um óculos escuros mesmo em ambientes fechados, ele se dirigia pro banquinho mais próximo, formalizando a famosa expressão “senta, que lá vem história”.

Tipo a vez em que ele fugiu de um assalto fingindo que conhecia o assaltante. “Ele chegou do meu lado já pedindo o celular, né, Gabriel, daquele jeito, tu sabe, e aí eu fiquei paralisado! Fiquei encarando ele assim... e ele gritando: ‘Cadê o celular, cadê?’. E eu peguei e soltei um ‘moleque... tá me reconhecendo não? Aquele amigo da sua mãe daquela época... te peguei no braço!’. Ele ficou tão confuso! Com certeza não esperava. Só sei que continuei enrolando, sem deixar ele falar, e ameacei dedurar pra mãe dele! O cara pediu até desculpas, acredita? E se mandou”, a risada enchendo o pequeno espaço daquele estabelecimento.

Ou então a vez em que ele jurou de pé junto que tomou uma cerveja com o Toca do Vale num bar qualquer de esquina. “Rapaz, eu tô te dizendo... era ele! Tinha o mesmo chapéu. Eu fingi que não reconheci, sabe, não queria incomodar o cara. Mas eu tenho certeza que era

ele! Fiquei na minha... só olhando de longe. Aí eu acho que ele percebeu e me chamou até pra conversar. Pra você ver, né, humilde o cara. Sei que a gente conversou foi muito, ele me deu CD autografado e tudo!". "E cadê esse CD, seu Nonato?", eu sempre perguntava, rindo, já sabendo a resposta. "Rapaz, sabe que eu não sei... mas um dia eu acho e te mostro!".

Com meus 20 anos, comecei a entender que metade daquelas histórias nem eram de verdade. Mas não tinha problema, eu sempre me divertia. Algumas eu já sabia decorada. Além de muito falador, era sempre muito solícito. Todo mundo do bairro comprava no mercadinho, de modo que seu Nonato conhecia meio mundo de gente. Só andava pelas ruas cumprimentando o povo, estilo prefeito. Socializar lhe dá energia.

Então, quando tudo começou, não me surpreendi que ele mantivesse o mercadinho aberto, como se nada estivesse acontecendo. Ficar preso em casa seria a morte pra ele, talvez mais garantida do que com a Covid. De toda forma, eu me preocupava. Já na casa dos 60 e um amante de uma mesa de bar, era um alvo. Entre uma compra e outra, sempre tentava convencê-lo a usar pelo menos a máscara decentemente, em vez de somente no queixo, quase como uma forma de protesto. Nunca consegui.

— Pra mim, não mudou nada, tá a mesma coisa! — ele dizia, com orgulho — Visito minha família... viajo no final de semana... bato é muito papo com o pessoal aqui. O negócio é não ter pânico, entende? A minha filha, por exemplo, já tá enlouquecendo já, coitada. Fica

mandando eu ficar trancado em casa, lavar as mãos o tempo todo, deixar a chinela do lado de fora de casa. Ainda não fiz nada disso e tô aqui, ó, bonzinho — apontando pra si com o polegar direito, ele abria um sorriso.

— O senhor não assiste à TV, não, seu Nonato? Todo dia passa no jornal, os números só aumentando! — eu tentava argumentar.

— Isso é um exagero medonho! Doença sempre existiu. Sempre teve câncer, infarto, tuberculose, negócio lá da próstata... e alguém parou de sair de casa por causa disso, por acaso? Mas agora, porque tá nessa história de mundial, as pessoas tão em pânico. Não precisava disso!

— O senhor não acredita, então? — a resposta dessa pergunta sempre mudava. Às vezes, ele achava que não tinha história nenhuma de vírus. Às vezes, ele achava que era uma arma biológica da China. Às vezes, ele aceitava.

— Acredito! Acredito, sim, a doença existe. Mas, Gabriel, eles armaram um golpe! Eles pegaram e falaram assim: 'Não, vamo pressionar, amedrontar, vamo pegar todo mundo que morreu no meio da rua por aí e dizer que foi do corona, vamo engordar a estatística'. E outra: tu lembra, né, que eu te falei do meu amigo que trabalha lá na UPA? Pois ele disse que o prefeito mandou botar uns containers com geladeira pra botar gente morta. Isso é uma safadeza! O pobre coitado que vai lá começa a morrer só de medo na hora que bota o pé na calçada da UPA vendo um negócio desses. Lá dentro eles são

coagidos a fazer as coisas, a tomar injeção, a colocar uma sonda, a colocar um entubamento. Às vezes é um profissional que não tem nem capacidade de fazer as coisas e faz incorretamente, aí acaba morrendo a pessoa e dizem que morreu por causa do coronavírus. É uma contagem irregular e as pessoas vão aceitando.

— E pra que alguém ia inventar um negócio desses, hein? Me diga aí.

— Meu filho, preste bem atenção. Eu já trabalhei em colégio, trabalhei como motorista, trabalhei como vendedor, trabalhei dentro de empresa, já fiz de tudo e mais um pouco nesse mundo. E uma coisa eu lhe digo: sempre tem alguém querendo se aproveitar dos outros. Os políticos vão trabalhar em cima disso, vão contar vantagem, vão mostrar aos mais fracos o que eles “fizeram” pras pessoas, vão mostrar que eles são os mais poderosos e assim vão tocar o barco pra frente, sempre ganhando pela enrolação. Não é de hoje que existe essas coisas, a gente tem que conviver. Tem que ser esperto, menino! Toda hora na TV aparece notícia que num sei quem desviou o dinheiro que era pra construir hospital, superfaturou compra de sei lá o quê pra esses tratamentos... é assim que eles vão fazendo, e ninguém fala nada.

Ele sempre parecia muito seguro, nunca dava o braço a torcer. E o pior é que tinha uma lógica mínima por trás de tudo, o que deixava muito mais difícil de argumentar. Então, no final das contas, eu optava por provocar.

— Pois eu quero mais é que esses poderosos tudim

arranjem uma vacina! — eu apelava.

— Eu já lhe disse que eu nunca tomei nenhuma vacina na vida, né? E não é que eu seja bruto, homem do mato, não. Você sabe. É só que eu acho que só precisa tomar... quando precisar, né. Então, se vier uma vacina aí pra esse vírus... pode até funcionar... mas não me interessa. Tô bem do jeito que tá.

Me restava imaginar de onde vinha essa necessidade de se mostrar forte. Uma criação no interior, talvez, sendo o mais velho dos irmãos e tendo que ajudar no sustento da casa desde cedo? Ou talvez a percepção de que, se ele se mostrasse vulnerável, então significaria que ele era, de fato, vulnerável. Quem sabe, ainda, era o resultado de tudo que aprendeu com o mundo sobre como ser homem. Ele não precisava de vacina, de médico, de máscara, e qualquer coisa diferente da autossuficiência era interpretada como vergonhosa. Ideias tão internamente abraçadas que até mesmo o noticiário deixava de ser confiável. Como ser humano, dá medo acreditar em algo tão diferente do que sempre nos foi posto como certo, e isso eu preciso admitir.

— Tá certo então, seu Nonato — eu finalizava, com uma risada — Até mais, viu? Se cuida — Quando eu percebia que a conversa não ia mais sair do lugar, era hora de pegar minhas sacolas e voltar pro isolamento na minha casa.

Semana que vem eu tentaria de novo.







dilema

---

— E tu pensa que vai aonde? — pergunta Leandro, quando o irmão mais novo interrompe sua tranquilidade de domingo parando bem em frente à TV da sala. Pedro vestia algo muito diferente do seu calção esfolado, principal companheiro nesse isolamento. De roupas pretas, tênis, mochila e boné, ele encarou o irmão de volta com o semblante sério e decidido.

— Eu vou pro protesto.

— Como é que é? — a postura despretensiosa de Leandro, sentado esparramado no sofá, sumiu rapidamente. Levantando-se de uma vez, ele se inclinou para frente de modo que cada cotovelo ficou apoiado em um joelho, a testa franzida.

— Eu vou pro protesto, já disse. Tá com problema nos ouvido, é? — Pedro soava nervoso e agressivo.

— Eu achei que a gente já tinha conversado sobre isso, Pedro. Decidido não ir.

— Você decidiu isso.

— Pedro...

— Eu não vou ser um bundão como você.

— Bundão? — o tom agudo da voz subindo de indignação — Será que tu tá vendo que um bando de especialista, infectologista, tá chamando isso de genocídio? Todos os nossos iguais juntos numa aglomeração no meio de uma pandemia realmente parece a melhor ideia para ti? A irresponsabilidade e irracionalidade de quem tinha que conduzir esse país prum lugar melhor ainda vai matar muita gente, e tu num tem nada que acelerar esse processo.

— Ah, porque a gente tá muito protegido, né? Todo dia tu ainda é obrigado a sair praquele emprego de merda porque o escroto do teu chefe acha que tudo isso é um golpe da China ou sei lá o quê. Todo dia pegando busão lotado, andando em terminal lotado, trabalhando num cubículo com mais uma pá de gente. Já tamo na merda, cara. Será que tu não enxerga isso?

Leandro respirou fundo. Apoiou a cabeça nas duas mãos. Ele sabia que tudo aquilo era verdade. Os riscos já estavam ali, pros dois. Mas algo continuava dizendo que

aquela atitude não era a melhor.

— Pensa nisso — disse — O contágio não chegou no seu máximo ainda. Qualquer aglomeração que a gente faça agora é pular na ciranda da necropolítica e levar uma onda de contágio pior do que essa que já tá para dentro das comunidades, onde vive quem a gente ama. Isso é parte do plano deles.

— Cara, tu acha mesmo que essas palavras difíceis adiantam alguma coisa? — Pedro se aproximava do irmão, a passos lentos — De que adianta ficar com a bunda sentada, julgando o que tá acontecendo com esse arzinho de superior, se tu num se mexer para fazer alguma coisa, hein? Eu te digo: NADA!

— Ah, desculpa se eu não me preocupei muito em ir pra rua durante a minha vida — o tom de voz ia ficando mais alto — Deve ser porque eu tava distraído trabalhando igual um DESGRAÇADO para ajudar a mãe a pagar teus estudos e tu conseguir uma vida minimamente mais decente do que a minha! — Leandro completou, como em um rugido, agora já em pé, com o rosto próximo do irmão, o olhar concentrado no negro dos olhos de Pedro.

O único som audível naquele momento era a respiração acelerada dos dois. Leandro soltou mais um suspiro, e se deixou cair no sofá.

— Tu acha que eu gosto do que eu tô dizendo? — perguntou — Que é fácil engolir seco e chorar em casa? Não, mano. Mas pensa no contexto, pensa comigo, analisa o número de casos, olha pra realidade, mano. É

isso que eles quer. Tá morrendo um brasileiro por minuto, um por minuto, e a gente tá falando só de Covid. A tendência ainda é aumentar, devido à irresponsabilidade desse monte de verme. Abre seu olho, mano — à medida que Leandro foi chegando ao fim da frase, o volume de voz foi diminuindo gradualmente. Ele sofria enquanto falava aquilo e tinha no olhar uma súplica constante ao irmão.

Pedro se arrependeu das palavras duras usadas. Era claro que o irmão só queria seu bem. Mas ele precisava enxergar que esse bem só viria por meio de muita luta. Ele sentou no sofá, de frente para o irmão. Pedro também tinha uma súplica no olhar, mas era outra.

— Leandro... meu olho tá aberto. Mais aberto do que nunca. Parece que é você que não quer enxergar. Olha o que tá acontecendo nos Estados Unidos, irmão! Eles fizeram esse caso se tornar mundial! Tá geral nas ruas, você vê criança, idoso, até famoso você vê. A gente precisa começar de algum lugar. Se eles não vão ouvir a gente por bem, vai ter que ser por mal! A gente não pode esperar o “melhor momento”. Não existe melhor momento, nunca vai existir. Se a gente não fizer nada, vai ser só ladeira abaixo. Irmão... por favor — ele implora, colocando sua mão sobre a de Leandro — Vamo comigo.

Leandro hesita em responder. Ele encara o irmão caçula, aquele que jurou proteger. Aquela para quem ele perdeu a infância enquanto tentava preencher a lacuna de uma figura paterna. Aquela que ele jurou fazer de tudo para ver formado em uma universidade, coisa que

Leandro nunca pôde fazer. Aquele por quem ele seria capaz de botar fogo em meio mundo se fosse o necessário para que Pedro pudesse ter tudo o que a sociedade escolheu negar aos dois. Ele puxa a mão, afastando-a da do irmão.

— A gente não tem organização pra isso. Manifestação não é micareta, irmão.

— Caralho, vai se fuder! — de um salto, Pedro volta a ficar em pé, bufando e olhando de cima o irmão ainda sentado no sofá — Tu acha que eu vou lá para me divertir, pegar alguém? Porra! Eu só não quero mais ser tratado igual lixo, tu devia saber disso! Tu devia entender! Tu devia...

— O que eu quero dizer — interrompe Leandro, sobrepondo a resposta de Pedro com a voz grossa — é que se tu acha que a estrutura racista do Brasil vai ser desligada como se fosse um interruptor, tu tá viajando na maionese legal. Precisa de uma construção, de uma base, de um projeto. A gente precisa ter uma coalizão em torno de algo, sacou? Não dá pra pegar uma hashtag e achar que ela é um escudo. Na vida real, não funciona. 2013 foi ontem e parece que tu não aprendeu nada. Sobrou pra quem em 2013? Rafael Braga!

— Eu não acredito que tu tá falando uma covardia dessa! — exclama Pedro, enterrando o rosto nas duas mãos — Eu não acredito que tu tá colocando a culpa nos movimentos pelo que aconteceu.

— Eu não tô colocando a culpa...

— Tá sim! Tá sim — grita Pedro, agora com o braço em riste, apontando para o irmão — Foi exatamente isso que você disse. Se a gente parar de fazer alguma coisa porque os verme sempre consegue botar contra a gente, como que a gente vai mudar isso, pra começo de conversa? Hein? Qual a tua solução mágica? Abaixar a cabeça, concordar com tudo isso? Achar normal ser acusado de roubar uma bolsa só porque cê usa um “boné” parecido? Achar normal a gente não se impressionar ouvindo notícia de que alguém do bairro foi assassinado? Achar normal uma criança de 8 anos se deparar com um corpo no caminho da escola, jogado na esquina, como se não fosse nada, por causa de uma patrulha “de rotina” da polícia?! — a postura imponente foi minguando, a voz embargada querendo esconder a dor difícil de ser escondida. As lágrimas apareceram contra sua vontade, e não davam sinal de que iam diminuir.

Pedro fechou os olhos, tentou conter o choro, mas isso foi impossível quando sentiu os braços do irmão o envolverem. Ali, ele voltou a ser a criança indefesa que buscava Leandro sempre que podia. Por um joelho ralado... uma briga no futebol... ou só vontade de carinho mesmo. Aprendeu tudo com ele, desde o primeiro chute, até como se portar em batidas policiais. Aprendeu que devia tratar o cabelo como uma coroa, e a pele como um manto. Aprendeu, também, a sempre andar com os documentos e nunca carregar um guarda-chuva muito grande. Aprendeu a colocar carteira e celular na mochila, não no bolso da frente da calça. Aprendeu a evitar óculos de sol e boné, mas esse último não aprendeu tanto assim.

Os dois permaneceram abraçados por um tempo, antes de se sentarem novamente no sofá. Leandro quebrou o silêncio com uma fala calma, mas sem esquecer da discussão anterior.

— A pergunta que eu faço, agora, não só para você, mas para todo mundo que tá legitimamente frustrado e cheio de ódio: qual o nosso potencial de organização hoje, para barrar os cara que quer deslegitimar e jogam tudo pelo ralo? Presta atenção. Não é fácil falar isso, de verdade. Meu coração tá em frangalhos, uma pá de tragédia no nosso país, uma pá de tragédia fora dele. Mas olha aqui no meu olho, — diz, posicionando com suas mãos, delicadamente, o rosto do irmão, de modo que ele não pudesse fugir do seu olhar. Lentamente, ele continua — Eu não tô aqui agora por agir na emoção. E não vai ser agora que eu vou começar a fazer isso. Principalmente nesse contexto. Você sabe! Você sabe do que eu tô falando — ele se exalta, soltando o rosto do irmão — Eles usam a nossa instabilidade pra justificar tudo quanto é barbaridade. E se a gente entrar na dança dos cara, a gente sabe quem que vai sofrer. E tudo que esse desgoverno quer é isso: a gente agindo na emoção, pra botar fogo e odiar a gente ainda mais. Estuda o histórico de repressão desse país. Tem mil formas de enfrentamento, eu sei. Mas, pra fazer qualquer coisa, a gente precisa tá organizado, e eu não tô vendo isso, mano. Muito pelo contrário. Tô vendo muito irmão que tá mais emoção, tá ligado, do que estratégia. A gente precisa de estratégia, a gente não precisa de emoção agora. Covid não é brincadeira. A insatisfação é legítima, a indignação é legítima, mas olha o contexto atual e o histórico do país que você vive, irmão? Se você olhar



esses dois, e isso ainda não te disser nada, então, irmão, só lembra da sua cor. Não é pra você ignorar a sua indignação, mas tem que usar inteligência e estratégia. O barato é xadrez, não é dama. Tem que cuidar de você, dos nossos. Se organiza, raciocina estrategicamente pra entender como a gente pode fazer o contexto virar a nosso favor. Senão, meu parça, é só destruição. E, mano, a gente já perdeu gente demais. Nós perdemos uma batalha, mais uma batalha, só que a gente não perdeu a guerra, certo?

Os dois permaneceram em silêncio por um ou dois minutos, se encarando. Leandro engolindo em seco, ainda esperançoso de que o irmão tivesse mudado de ideia. Pedro, com um semblante indecifrável, a cara limpa, séria, estava pronto para quebrar o silêncio.

— A gente? — perguntou, enquanto contorcia o rosto em forma de deboche — Quem tá no front sou eu.

Pedro, então, se levantou, ajeitou o boné e se dirigiu até a porta da casa sem olhar para trás. Antes de finalizar sua saída, Leandro pediu que o irmão esperasse. Foi até o quarto e voltou à sala depois de alguns segundos. Estendeu a mão ao irmão, dizendo:

— Toma, vai pelo menos de máscara.

---

Crônica baseada no vídeo do rapper Emicida, publicado em sua conta no Twitter em 5 de junho de 2020, sobre os protestos do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), ocorridos em São Paulo. O estopim foi a morte de um homem negro por um policial branco, nos Estados Unidos, em 25 de maio, após ter o pescoço pressionado pelo joelho do policial por nove minutos. Após o caso, os protestos se espalharam pelo mundo.



a doença

---

A quarentena começou e eu respeitava. Mesmo jovem, a diabetes me assustava. Tive que improvisar o trabalho de fotógrafo remotamente. Mas eu moro com algumas pessoas e uma delas precisou continuar trabalhando fora. Então, não teve outra. Primeiro veio a tosse, a falta de ar e a coriza. Depois, perdi o paladar e o olfato, comecei a sentir dores no corpo e tive febre alta. Com o passar dos dias, veio o cansaço e a dificuldade de respirar.

A hora de dormir era um inferno. A falta de ar não deixava o sono se estabelecer. Tive que recorrer ao hospital. Por mais que tudo indicasse o contrário, eu ainda tinha esperança de que fosse só uma virose. Sabe, você nunca acha que vai acontecer com você. Quando chegou o momento de fazer o raio-x, a suspeita era grande. Recebi uma requisição para marcar o teste.

Mas marcar o teste foi difícil. O hospital demorava para me responder. Talvez estivessem todos mergulhados muito fundo no caos de ter que se lidar com uma pandemia. É difícil julgar. Mas eu também me sentia negligenciado, como se os dias estivessem escapando da minha mão. Não dependia mais de mim.

Entre a luta de marcar o exame estava a luta diária de ter que lidar com os sintomas. A dor no peito era como se alguém estivesse pisando em mim o dia inteiro. Ela conseguiu roubar minha concentração em qualquer tarefa, por mais simples que fosse. Era impossível assistir até mesmo a uma série.

Eu tentava escapar da dor pelo sono, tentava dormir o dia inteiro. Mas isso era outra luta. Como se dorme sem conseguir respirar? Também não conseguia conversar por muito tempo, por causa da falta de ar. Tomar banho e andar até a cozinha era difícil. Era muito estressante se sentir inútil. A pressão psicológica de viver uma pandemia já é muito grande, mas viver com a doença é assustador.

Os outros moradores da casa também tiveram sintomas, porém leves. Eu me sentia tão injustiçado! Como pode a mesma doença estar quase me matando enquanto outros conseguem viver a vida normalmente? Eu não conseguia entender como eles não estavam sentindo a dor que eu estava sentindo. Não fazia sentido. Todos os dias eu me perguntava: por que eu?

Foi uma semana assim, deixado ao léu pelo sistema de saúde. Quando finalmente me internaram, quase parecia

tarde demais. Fui internado imediatamente. Internado não. Primeiro, fiquei na emergência esperando um leito. Só depois eu consegui.

O engraçado é que eu já havia sido internado com todos os sintomas, mas o resultado positivo para Covid demorou a sair. Eu achava que ia ser uma daquelas pessoas que morre sem saber ao certo o que aconteceu. Um daqueles números que não podem nem fazer volume para alertar o país. Achava que talvez eu não fosse fazer a diferença.

Eu respirava muito mal, com ajuda de um cateter de oxigênio, e ficava sem saber se a próxima respiração viria. Era uma tosse horrível, que me deixava sem ar, e eu ficava pensando o tempo todo se iria morrer ou não. Falava com a minha família o tempo todo por mensagens. Eles não podiam estar ali, e eu não sabia se ia vê-los de novo.

Tentava me lembrar qual foi a última vez que eu tinha visto cada um: minha mãe, meu pai, minha irmã, meu namorado... Tentava lembrar cada detalhe, o que eles estavam vestindo, sobre o que a gente estava falando, onde a gente estava. Tentava lembrar se a gente estava feliz, animados com algo. E, quando eu não conseguia recordar perfeitamente, simplesmente inventava uma história na cabeça, que eu repetia até eu acreditar. Era melhor que minhas últimas lembranças deles fossem alegres, era assim que eu queria continuar guardando.

Sempre achei que, quando eu estivesse bem velhinho, perto de morrer, eu iria pensar em todos os lugares que

eu queria ter visitado e não visitei. Naquele momento, no entanto, só conseguia pensar nas pessoas.

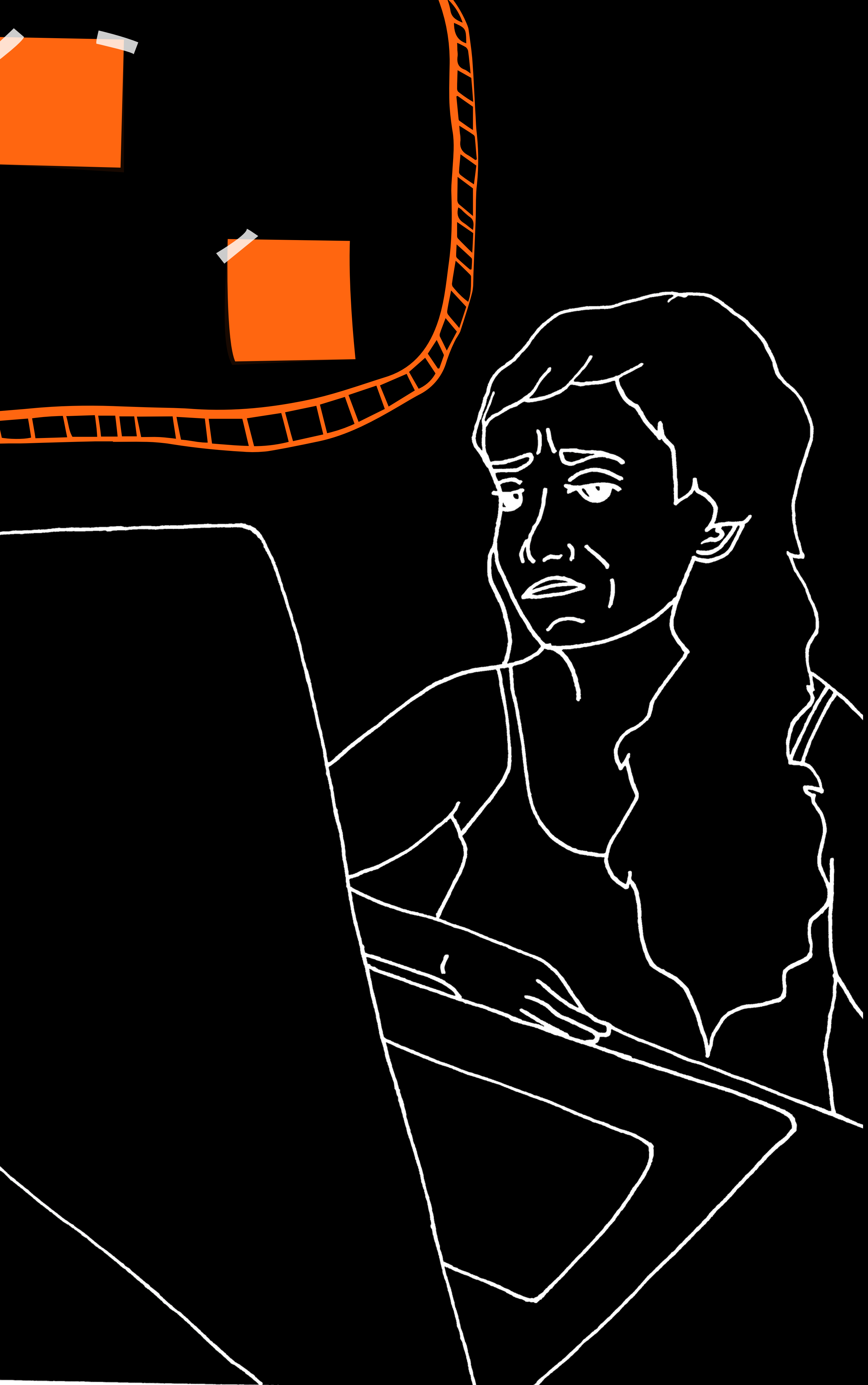
Depois de três ou quatro dias internado, eu consegui dormir uma noite inteira pela primeira vez. Foi uma luz, uma esperança. Finalmente, os sintomas foram aliviando, e eu percebi que teria chance. Quando comecei as sessões de fisioterapia para recuperar a capacidade respiratória, conseguia ver os resultados positivos. Fui me alegrando, vendo que as sessões me faziam evoluir.

Ainda tenho contato com a Juliana, a fisioterapeuta. Ela me devolveu a força de viver, sabe? Ela me passava a certeza de que tudo iria ficar bem, e, de algum modo, eu conseguia ficar despreocupado. Foram momentos de vida depois de ter passado alguns dias sobre a sombra da morte. Um dia, comentei com uma enfermeira sobre como parecia que Juliana nunca deixava o hospital. A enfermeira me disse que, depois que Juliana perdeu a mãe para a doença, a fisioterapeuta tinha mergulhado no trabalho exaustivamente. “Às vezes, a gente enche a cabeça de umas coisas pra não pensar em outras”, concluiu.

Assim que melhorei, já me mandaram para casa. O médico disse que, em condições normais, me manteria por mais uns dois dias lá, para garantir. Mas acredito que, por conta da demanda de leitos, isso não ia ser possível. Hoje, sinto que ainda não caiu a ficha de tudo que aconteceu. Eu poderia ter sido, facilmente, uma das tantas mortes sobre as quais se fala nos jornais, mas não fui. Penso em tudo que aqueles que se foram sentiram nos últimos momentos e em como eles estavam

sozinhos. Penso nas famílias perdidas e, de repente, recebendo a tal notícia. Penso nos tantos níveis de crueldade que essa doença trouxe para a gente. É difícil pôr em palavras o que eu sinto olhando para trás. Aliás, é impossível.





reunião

---

— Bom, acho que já tratamos de todos os pontos, né? — a voz da diretora soava pela caixa de som do computador de Juliana — Alguém tem mais alguma coisa a falar?

Solange se preparava para encerrar a reunião de docentes da escola municipal quando a professora tomou coragem de ligar o próprio microfone.

— Eu tenho — disse Juliana.

— Muito bem Juliana, prossiga.

— Bem, eu... — ela não sabia muito bem por onde começar. Tinha agido por impulso — Eu vou ser sincera. Eu não tenho ideia do que eu tô fazendo. Ser professora de educação física do primeiro ao quinto ano do

fundamental nessas condições é uma tarefa impossível. Eu não tenho contato direto com as crianças, e eu fico com medo de passar alguma atividade, porque eu não sei quem vai tá do lado ou nem se vai ter alguém pra ficar olhando. Tem que sempre ser o mais básico possível, senão alguém se machuca, sei lá...

— Você está sugerindo tentar aulas online ao vivo?

— É claro que não! Pelo amor de Deus, é o Pio XII! Eles mal têm recurso pra gente fazer esse acompanhamento por WhatsApp! Eu perdi as contas de quantos pais me disseram que as crianças iam sempre responder as atividades atrasadas, porque era um celular pra família inteira e aí elas iam precisar esperar os pais chegarem em casa de noite pra fazer qualquer coisa. Agora imagina isso com dois, três filhos. Eu tô há meses trabalhando os três turnos porque se eu não responder a criança na hora que ela manda, qual o sentido? Vai ficar chato, cansativo pra elas. A minha maior angústia, — de repente, a voz falhou — a minha maior angústia é tentar passar uma atividade que a criança veja e pense: 'Essa eu consigo fazer!'. Imagina aí a frustração de não conseguir fazer o dever porque não tem as coisas em casa. Aí eu tento né, ensino brincadeira, exercícios básicos de coordenação e equilíbrio, que é o que dá pra fazer agora. Invento meio mundo de coisas com material besta mesmo, garrafa pet, sacola de supermercado, o que for. Mas a desigualdade é tão gritante, que tudo fica meio surreal. Não importa o quanto eu tente, eu nunca vou saber de verdade o tamanho do problema. Tipo, teve uma atividade que eu pedi copo descartável, copo descartável! E um pai me mandou mensagem dizendo

que ainda não tinha recebido o salário e que não ia conseguir comprar o material. É claro que eu disse que não tinha problema fazer com os corpos normais de casa. Mas quando que eu ia imaginar que copo descartável ia ser uma dificuldade, meu Deus?! — nesse ponto, as lágrimas já corriam livres — As crianças não têm como pesquisar, não têm mãe e pai pra acompanhar, que, ainda por cima, muitas vezes são analfabetos. Algumas atividades ficam muito vazias, mas eu não sei o que fazer. Eu sei que eu tô dando o meu máximo, mas não é como devia ser.

Silêncio. Ou quase silêncio. Alguns microfones esquecidos ligados na videochamada permitiam que uma ou duas fungadas indistintas fossem ouvidas por Juliana. O sentimento compartilhado pela equipe era o mesmo: impotência.

A diretora respirou fundo antes de voltar a falar. Ela sabia que uma manifestação desse tipo viria mais cedo ou mais tarde, e sua força seria testada. Seu papel era coordenar e ser guia em momentos difíceis. Apesar de compartilhar da frustração, não se sentia no direito de desmoronar. Não poderia.

— Juliana... eu entendo — mais um suspiro e uma pausa. Solange queria escolher muito bem as palavras — A situação tá muito longe da ideal, todo mundo consegue ver isso. Mas, se formos parar pra pensar, nossos resultados pra este momento estão além das nossas expectativas iniciais. Tivemos um alcance de 97% dos alunos e...

— 97% assim, né — a professora interrompe, mais agressiva do que gostaria de ter soado — Conseguir o número dos pais, salvar lá o contato e mandar mensagem não é a mesma coisa de ter a criança participando. Ora, só o que tem é gente que nem me respondeu ainda e nunca vai responder. Sem falar que tá percebendo o desgaste nos alunos. Se nem presencialmente a gente tem todos os recursos que uma escola de verdade precisa, imagina longe da criança, deixando ela resolver tudo praticamente sozinha. E ainda têm a falta dos colegas. Quem que aguenta assim? Olha, honestamente, e me dói muito dizer isso: eu acho que elas não estão aprendendo nada, tá sendo tudo uma grande revisão, quase um faz de conta. Mas ninguém fala porque a gente tem nossa obrigação, nosso trabalho a ser feito, um diário a ser preenchido, contas pra acertar no fim do ano.

— E você por acaso tem alguma solução?

Dessa vez só era possível ouvir o eventual barulho de uma moto passando na rua ou alguma criança ao fundo pedindo atenção. Silêncio total por parte dos participantes.

— Não — um sussurro quase inaudível.

— Eu imaginei — ela respirou fundo mais uma vez. Solange entendia aquela professora, ela já tinha sido aquela professora — Todo mundo conhece esses problemas muito bem. Você e todos os outros sabem que eles não apareceram magicamente por causa de uma pandemia. E eu sei que eu posso parecer mais fria,

mas o tempo me ensinou que o buraco é muito mais embaixo. Não pense que não dói, não pense que não frustra. Muito pelo contrário. Não precisa nem ninguém falar pra eu perceber o sofrimento de vocês. Mas é como você disse: nós temos um trabalho a fazer, e não tem como ir além do nosso máximo. A gente não tem como levar saneamento básico pra eles, nem um computador ou internet decente. Não tem como proteger da violência. Não tem. O que a gente pode fazer é usar esse momento como uma chance de criar um vínculo com a família dessas crianças. Quem sabe incentivar que os pais acompanhem mais, ensinar o aluno a valorizar mais o professor, não sei. Mas vocês precisam perceber que a gente precisa disso se a gente quiser manter essas crianças na escola. A gente precisa conhecer essas casas, e pelo menos isso tá dando pra fazer agora.

As palavras eram muito bonitas, mas de nada adiantaram. O sentimento que Juliana tinha era que ela estava destinada a nadar e morrer na praia. Quanto tempo um ser humano consegue aguentar sendo uma constante testemunha de injustiças antes de se render ao conformismo da realidade? Anos? Décadas? Ela ainda iria descobrir. Enquanto os pensamentos borbulhavam na mente, pronunciou apenas uma frase.

— Obrigada, diretora.

Solange conhecia aquele tom. Não era de agradecimento.

— Muito bem! Então, por hoje é só, pessoal. No próximo encontro, a gente volta a falar sobre os índices de

participação de cada série. Marta, como eu disse, por favor, lembra de mandar mensagem pra os pais do Bruninho da terceira série, ok? Abraço e até a próxima.





praia

---

Os dois estavam deitados na cama. Um com um olho na TV acompanhando algum programa de entretenimento típico do dia de domingo. O outro encarando o pedaço em formato de coração (ou seria um cachorro?) de tinta descascada no teto.

— Ei, bó pra praia, bó?

— Praia?

— Sim, praia.

— E pode?

— Eu acho que pode.

— E a aglomeração?

— Sim, e tu num pega ônibus lotado todo dia, não? Quer aglomeração pior que essa?

Os dois riram.

— Eu te disse que ontem tinha um véi sentado do meu lado e, quando ele foi tossir, ele TIROU a máscara?

Mais risadas.

— Oh putaria... Mas e aí? Praia? Bora?

— Ah, sei não, viu...

— Sabe não o quê?! Um sol danado desse... vai desperdiçar?

— Mas e o corona?

— Quer dizer então que, pra pegar ônibus, ir trabalhar, passar o dia todo do lado do povo, bater papo no cafezinho não tem problema, mas ir à praia tem, é?

— É diferente, né? A gente tem que cumprir com a obrigação. E eu, pelo menos no MEU trabalho, tô sempre de máscara, longe de todo mundo.

— Se máscara e distanciamento fosse o suficiente, a gente não tava numa pandemia, pra começo de conversa. Tu já tá totalmente exposto só de compartilhar um ambiente com mais não sei quantos. Não tem pra onde correr. Nem adianta.

— Então tu também tá.

— E né isso que eu tô querendo dizer? Aquela porra daquela empresa não serviu nem pra botar uns potes de álcool em gel para nois. A gente que se foda.

— Pior que parece que a filha da minha chefe já teve. E depois a Camila apareceu com uma gripe também, mas não deixaram ela ficar em casa. Disseram que não devia ser nada. Realmente não parecia nada, mas... vai que, né?

— Lá no trabalho, já teve gente que teve, então eu já devo ter pegado. Tem gente que nem usa mais máscara!

— Aí é putaria.

Mais risos.

— Sim, e nossa praia?

— Será mesmo?

— Pensa bem, não vai fazer diferença nenhuma. A gente vai, pega o ônibus, coisa que a gente já faz todo dia, chega lá, bota nossas coisas na areia num lugar longe dos outros e pronto.

— Mas será que não era melhor evitar essas coisas? Beleza que a gente já tá exposto, né, mas precisa se expor mais?

— Me diz aí, o que é um peido pra quem tá cagado?

— Misericórdia.

— Eu tô falando sério! Será que, mesmo que nós dois, só nós dois, indo lá uma vezinha, tomando um banho de mar na inocência, vai ser o responsável pelo próximo pico de mortes de coronavírus no estado todinho? Não é possível.

— Mas não vai ser SÓ a gente, né? Geral tá saindo por aí, por isso que tá tudo desse jeito.

— Mais um motivo pra gente ir pra praia.

— O que?

— Já tá todo mundo indo mesmo.

— Mas mamãe já dizia que eu não sou todo mundo.

— AAARRRRGGHH!!! — uma revirada de olhos antes de virar para o outro lado da cama e encarar a parede.

— Vai ficar com raiva de mim agora?

— Não é isso. É só que eu não aguento mais. Tá todo mundo na rua todo dia. Do jeito que o pessoal fala, parece que o corona é muito educado e não infecta a gente no ônibus porque ele entende que é nossa "obrigação". Me poupe, né. Tá o mundo acabando e a gente não tem o direito de ter o mínimo de lazer. Só tá liberado trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Silêncio.

— Eu também não tô aguentando mais. Às vezes, a sensação que eu tenho é que tão rindo da minha cara. Parece que jogaram o rojão em cima da gente e se mandaram.

— É que não faz mais sentido, sabe? Por que que a gente pode trabalhar se era pra ficar isolado? Qual a diferença de pegar ônibus e ir pra praia, pro shopping? Te digo com tranquilidade que o lugar em que eu tenho mais contato humano é dentro daquele 77 maldito.

— Sexta-feira, o terminal tava mermin um formigueiro. Fiquei pensando: “Meu pai, esse povo não devia tá em casa?”. Mas aí eu percebi que eu também devia, mas não tava. Na verdade, eu não podia, né.

— É um inferno.

Mais silêncio.

— Pois bora, então.

— Bora?

— Bora, já disse. Levanta logo antes que fique tarde.

— Vou procurar o isopor pra colocar umas cervejas — saiu da cama com um pulo, o sorriso de orelha a orelha.

— Vou olhar aqui o horário do ônibus.

Se entreolharam.

— A gente merece.







fabricio

---

Eu estava sentada no banco de trás do carro, atrás do motorista. As palmas das mãos suavam frio e a máscara impedia que eu inspirasse todo o ar que a minha ansiedade indicava que eu precisava naquele momento. O embrulho no estômago, as famosas borboletas. Começava a reconhecer algumas ruas no bairro, passei pela igreja, estava chegando perto. Era a primeira vez que a gente ia se ver em cinco meses.

Cinco meses que pareceram cinco anos, cinco séculos. A separação foi repentina, ninguém tinha se preparado para isso. Ninguém nem imaginou que as semanas iniciais de isolamento se prolongariam tanto.

Todo esse tempo dentro de casa serviu para que eu pensasse muito. Sobre você e sobre tudo. E olha que eu

odeio pensar. Pensei, por exemplo, se você achava que o fato de eu ter aguentado todos esses meses trancada dentro de casa era porque eu não te amava o suficiente para me arriscar por aí, igual ao que todo mundo parecia estar fazendo. Se todo mundo sai, se as pessoas da minha casa saem, por que eu não saio? Por que eu não deixo você vir?

“Ela não se importa tanto, ela não presta mais atenção em mim. De novo”. Você nunca disse que pensava assim, mas eu pensava que você pensava. Eu tinha muito medo e lutava constantemente entre a culpa de talvez trazer para dentro de casa uma doença que poderia ser mortal para alguém que eu amo e a necessidade de não deixar nenhum questionamento sobre o meu amor por você. Eu carregava essa tarefa como uma grande responsabilidade. Eu não poderia deixar você ter dúvida alguma sobre algo que sempre foi tão claro para mim. Tentei ser a companheira de todas as horas.

Mesmo depois de sei lá quantos meses em casa, mesmo com os números favoráveis, mesmo com meio mundo de gente, inclusive da minha família, na rua, o medo nunca me abandonou. Até hoje. E quando eu anunciei minha decisão, minha mãe fez uma cara de preocupada que deixou meu coração em frangalhos, ignorando que ela própria já tinha voltado a ser a velha frequentadora de supermercados. “Como ela pôde me trair desse jeito?”, talvez ela tenha pensado. Até aquele momento, a única pessoa que eu tinha traído era eu mesma.

Ser obrigada a ficar longe de ti dessa forma foi a pior peça que a vida já me pregou. Tinha dias que a dor

parecia física, e tinha dias que eu achava que ia acabar com os 20 km que nos separam correndo com as minhas próprias pernas. Observar outras pessoas voltarem com a vida normal foi cruel, massacrante. Eu sentia falta do cheiro, do toque, da voz, do calor. Sentia falta de passar meus dedos pelo teu cabelo e sentia falta de me sentir totalmente protegida, escondida do resto do mundo.

Então, quando eu te vi sentado na porta de casa me esperando, enquanto o carro do Uber se aproximava devagarzinho, qualquer tipo de sentimento ruim desapareceu. Teu sorriso costuma ter esse poder. A minha mãe e o Átila que me perdoem, mas quebrar o isolamento pela primeira vez para te ver foi uma das melhores coisas que eu poderia ter feito. Quando a gente finalmente se abraçou e você chorou, eu chorei por consequência. Foi como voltar para casa, no sentido mais sensível da palavra. Se o céu existe, ele deve ser igual ao que eu senti naqueles segundos.

Já dizia aquela música que você colocou em uma playlist para mim três anos atrás: "Depois que a gente se beijou aquela noite, todo momento sozinho foi como açoite". Eu não sabia que ficar separada de alguém por tanto tempo podia, na verdade, aumentar em doses cavalares a vontade de estar junto. Não que eu não achasse que eu não ia sentir saudade. Mas isso vai muito além. Imagino que seja assim que ímãs se sentem quando estão atraídos um pelo outro. É impossível fazer o caminho inverso.

Depois da primeira vez, fiquei viciada em desafiar a.

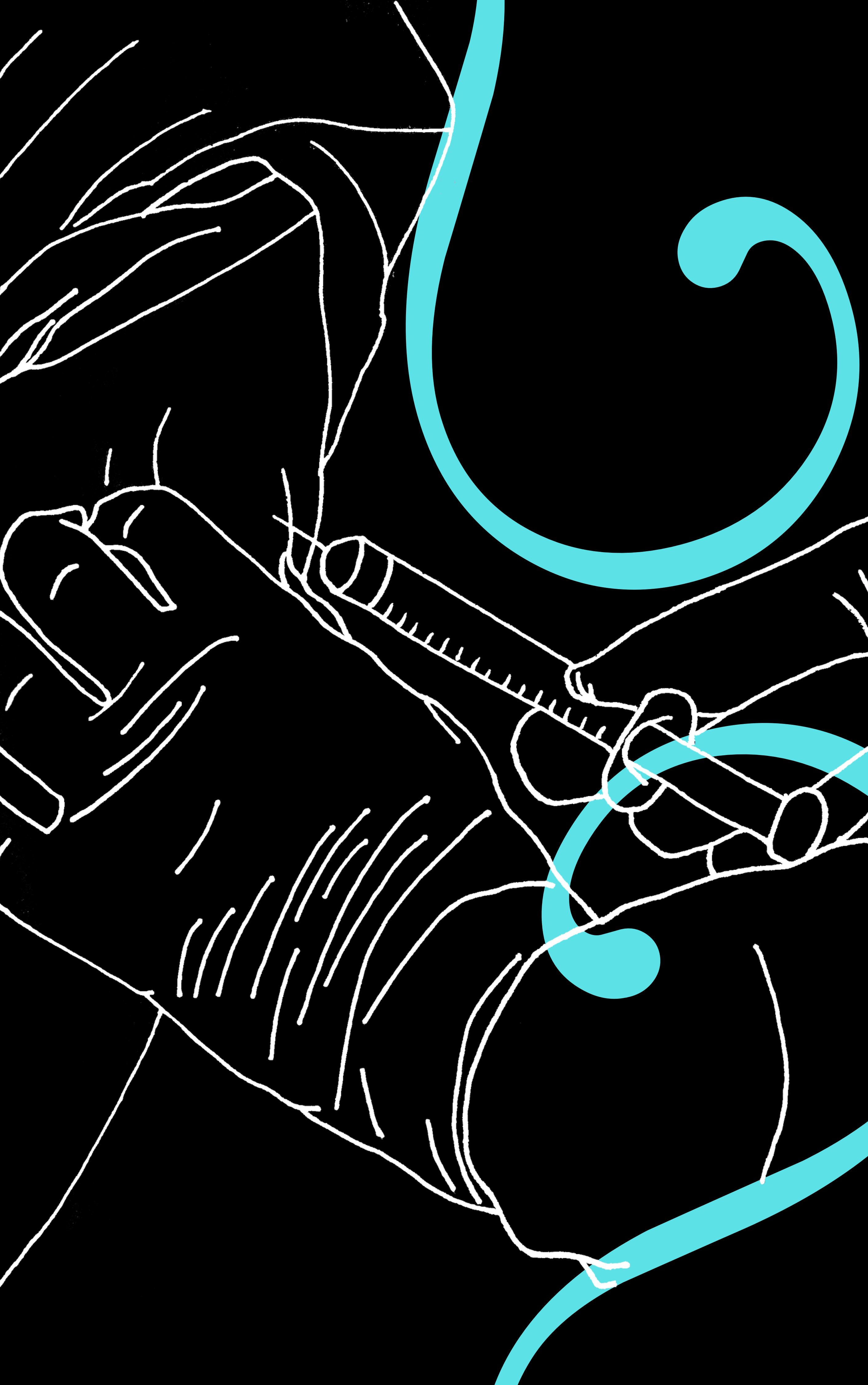
expressão de desaprovação da minha mãe para ir te ver. “Mas qual deve ser a graça de ir para lá se eles não podem sair de casa?”, talvez ela pense. A graça é você. Me basta estar no mesmo cômodo, mesmo os dois em silêncio. Me basta saber que você está ali, mesmo que distraído com algo no celular enquanto eu mesma encaro o meu. Me bastam conversas desconexas e risadas soltas. Me basta te olhar.

E, nossa, como eu passei a te olhar! Eu achava que já valorizava os detalhes, mas o tempo contigo que me foi roubado me mostrou que tudo é ainda mais valioso. Os sinais, que eu já amava, agora dividem minha atenção com os pelos da barba desgrenhada e o jeito que eles se posicionam, rebeldes, no seu rosto. Você não gosta da falha embaixo do queixo, mas eu gosto.

Será que posso comparar esses finais de semana a retiros espirituais? Nunca fui a nenhum, mas acredito que é essa leveza que eu conquistava que as pessoas devem buscar nesses lugares. O doloroso era a despedida, porque eu não sabia ao certo quando eu ia te ver novamente. E se, de repente, irrompesse no estado outra onda avassaladora de casos? Iam ser mais meses e meses distantes? Eu precisava aproveitar as chances que eu tinha enquanto o cenário parecia “tranquilo”.

Não importa como os números tenham caído, como os leitos estejam vazios, como minha família já esteja na rua e como todo o raciocínio lógico me indique que, mesmo se eu ficar trancada dentro de casa, quem eu mais quero proteger não está mais isolada. Eu ainda sinto culpa e medo. Eu ainda não gosto de sair. Eu ainda amaldiçoo

esse vírus todos os dias. E eu só vou ficar tranquila quando vier a porra de uma vacina. Mas, neste ponto, não tem quem me convença de que ir atrás de o mínimo de felicidade nesse inferno na terra seja errado. Será que sentir tua pele contra a minha é tão perigoso assim?



o dia



---

O despertador tocou e ele abriu os olhos. Não estava dormindo, não tinha conseguido dormir de verdade. Pulou da cama. A roupa já estava até escolhida: blusa de botão estampada com coqueiros e uma bermuda branca de linho. Tipo aquelas roupas que você guarda para usar no Natal ou no seu aniversário. O tipo de roupa que você usa para garantir que ficará bonito. O tipo de roupa para uma ocasião especial. Era uma ocasião especial.

Ele se planejou para sair cedo de casa, mesmo sabendo que seria impossível evitar uma fila. Não tinha problema, ia ser um bom dia. Era a primeira data liberada para o último segmento a ser vacinado. A ansiedade estava lá nas alturas. Um plano novo surgindo na mente a cada segundo. Eram muitos meses para compensar.

Uma parte da programação já havia sido completada:

dar um abraço nos avós. Assim que os dois receberam a dose, ofertaram à família inteira um almoço típico de domingo como há tempos não se via naquela casa. Tinha frango assado, tinha carne, tinha baião de dois, tinha estrogonofe e, de sobremesa, ainda tinha um pudim, o preferido dele. Ninguém sabia se era o mais aconselhável, mas também ninguém se importava muito. Se os dois estavam seguros, estava tudo bem. Na maior parte do tempo, as vozes ecoavam, felizes, pelo quintal, enquanto o barulho dos talheres batendo nos pratos enfeitava o fundo.

Mas, no momento do seu abraço, o silêncio reinou em uma estadia longa e profunda. Fechou os olhos para ser transportado a outro lugar, onde só existiam os três. “Nem acredito que conseguimos passar por isso, intactos”. Pela primeira vez em muito tempo, respirava aliviado de novo. Foram meses de muito álcool em gel e isolamento, vendo os dois pela tela do celular. Sem os bolos gostosos e as conversas sobre um tempo mais simples. Sem catar as mangas e acerolas que se acumulavam nos pés e depois se transformavam em suco para a semana inteira. Sem pedir a bênção. Agora, a vida estava de volta.

Ele pensava em tudo isso enquanto se encaminhava ao posto de saúde mais próximo. A aglomeração que esperava, no entanto, não estava lá. “Último segmento deve ser assim. Pelo menos não vai demorar como eu imaginava”. O burburinho de vozes, no entanto, estava presente. Quem estava lá estava animado.

Depois de pedir as informações necessárias, se

posicionou atrás de um uma mulher de vestido florido e se pôs a esperar. “Rapaz, assim que eu tomar esse troço, a primeira coisa que eu vou fazer vai ser lambar o chão do terminal do Antônio Bezerra, tô te dizendo”, ele ouviu ao fundo. “Pois eu vou fazer um rolê lá em casa que vai ser proibido sair sem dar beijo na boca”, outro anunciava. Ele ria.

Já a conversa da moça de vestido florido era diferente. Ela falava ao celular com alguém, irritada. A mão apoiada na cintura e o pé direito batendo no chão repetidas vezes. “Não, mulher, ele num veio, não! Tu achou mermo que ele vinha, era? Não... Disse aí que não confia nessa vacina, que viu, DEUS SABE ONDE, que era tudo um golpe da China para fazer num sei o quê com a gente. Onde já se viu! Até parece que a CHINA tá se importando muito com um pobre coitado que nem ele. Nam... Pois sim, OUVIU DIZER QUE... aquela história, tu já sabe. É bem aquelas porcarias que ele recebe no celular... Sim... Aham... Né isso... Sim... Não, mas deixa ele aparecer doente aqui do meu lado pra ele ver! Eu vou dar uma peia tão bem dada que ele vai pessoalmente lá na China agradecer essa vacina... É...”, ele parou de prestar atenção.

A fila ia andando e a todo instante entrava e saía gente da salinha onde as aplicações estavam sendo feitas. Na sua mente, ele revisava a lista de afazeres do “dia perfeito” que ele e os amigos tinham planejado para depois desse momento.

Eles já iriam começar a manhã no grau, bebendo uma cervejinha e ouvindo um samba no Raimundo do Queijo.

iam tentar chegar cedo para conseguirem um lugar longe do sol, e iam passar o tempo conversando em forma de gritos que tentavam ser mais altos que a música. Na hora do almoço, eles iam parar lá no Mercado São Sebastião e almoçar o que tivesse por lá, só pela resenha. Ele ia aproveitar para escolher umas frutas bem diferentes para preparar uns drinks em casa, depois. À tarde, era hora de ir à praia, ver o pôr do sol. iam sentar nas pedras do Poço da Draga e iam dividir um beck enquanto aproveitavam a brisa fresca batendo no rosto. Então, era hora de voltar para casa, tomar banho, trocar de roupa e fazer um esquentão com os tais drinks, porque depois eles iriam entrar na festa mais lotada que eles pudessem encontrar. daquelas que ele odiava porque não tinha onde sentar, era impossível ouvir uns aos outros e os preços eram totalmente abusivos. Mas, naquela noite, iria ser seu lugar preferido. E aí seria hora de voltar para casa. Deitar na cama com tudo em volta rodando como se estivesse em um daqueles brinquedos do Universal Park.

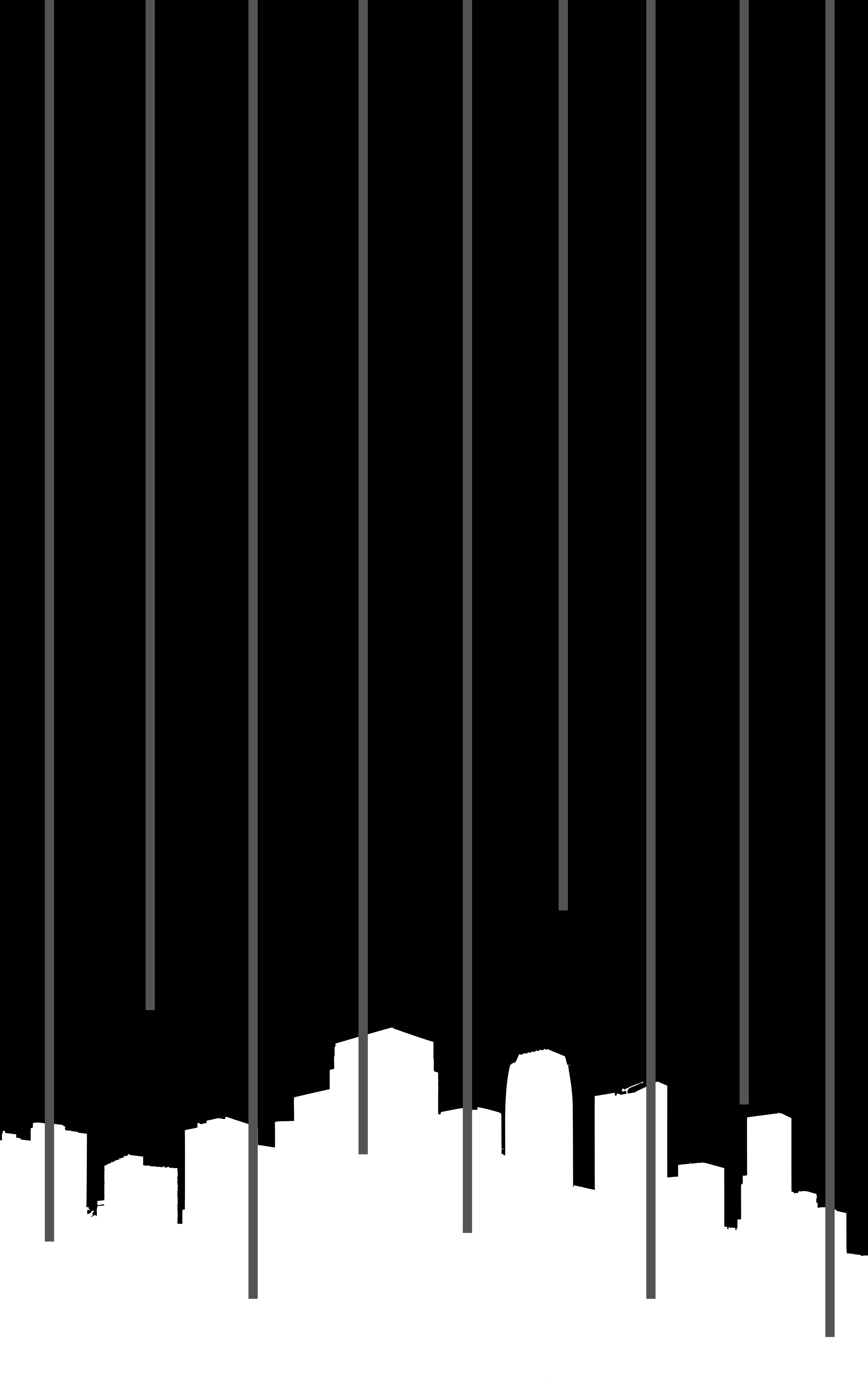
As pessoas entravam e saíam da sala. A fila andava. Ele pegava no bolso a cada cinco minutos para garantir que a carteira de identidade estava ali mesmo, caso fosse pedida. No celular, recebia as mensagens de amigos e familiares que já tinham tomado a dose. Áudios com gritos e risadas, selfies em frente a diferentes postos de saúde e fotos de braços já com a proteção pós-vacina. Festa.

A distância entre ele e a porta diminuía perceptivelmente agora, e cada pessoa que saía da fila para entrar na sala era notificada pelo seu cérebro, que

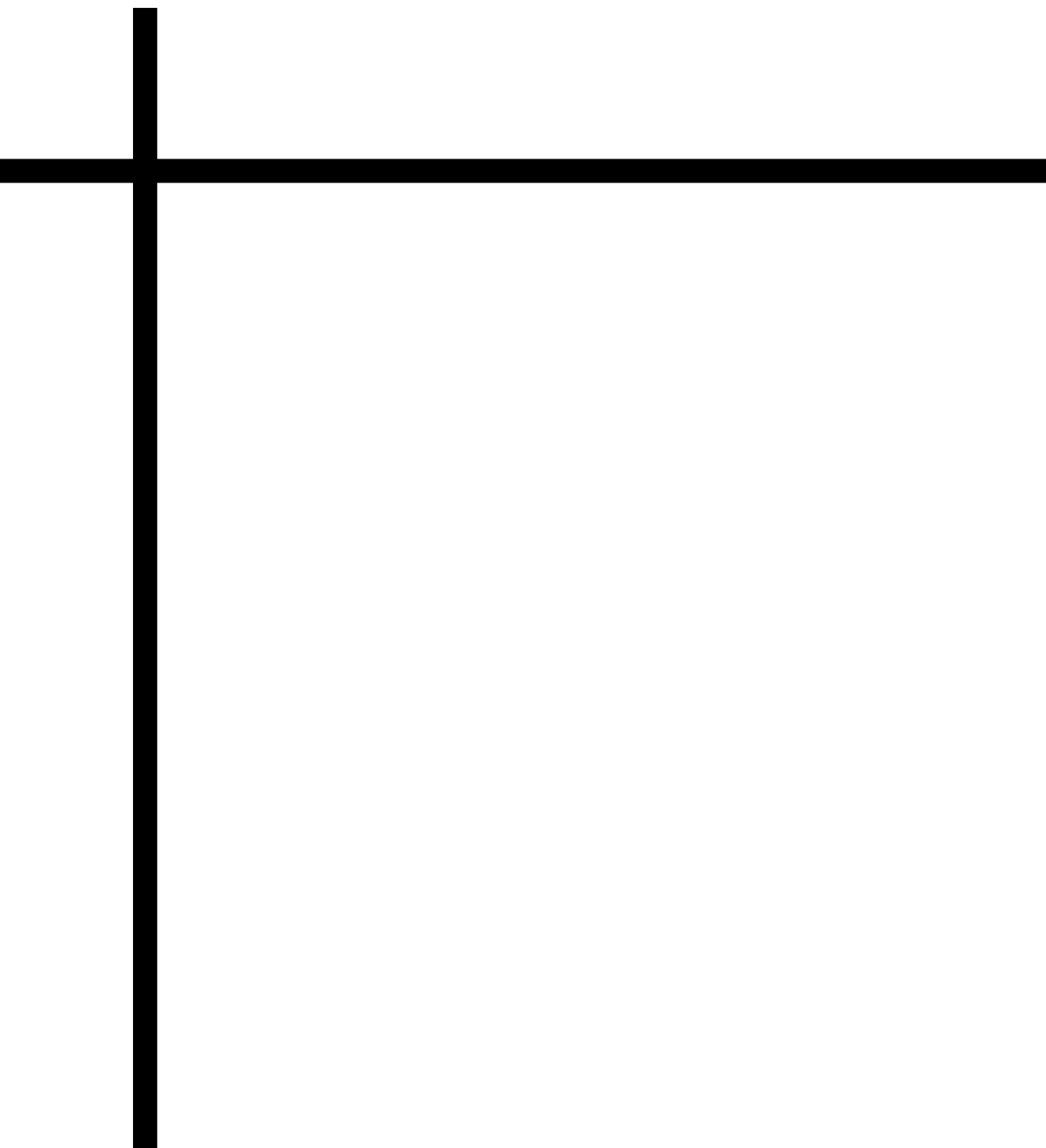
contava e recontava a todo momento quantos ainda estavam em sua frente. Era um misto de alegria e, pela primeira vez, medo. O que vem depois de uma pandemia? Máscaras continuarão obrigatórias? Será que sua avó iria conseguir pensar em entrar em um supermercado sem ter um ataque de pânico? Quanto tempo será que sua amiga levaria para se recuperar da angústia de estar em locais lotados? Será que sua prima algum dia iria parar de se culpar por talvez ter levado para dentro de casa o vírus que foi fatal para seu tio? O hábito do álcool em gel, ele já sabia que não iria conseguir abandonar.

Finalmente, não existia mais ninguém entre ele e a porta. A próxima pessoa que sairia da sala seria sua oportunidade de entrar. Com os braços cruzados, o coração acelerava discretamente. A porta se abriu com a saída de alguém e ele vislumbrou um pouco do espaço interior. Engatou o primeiro passo mas, antes que pudesse ir adiante, a profissional dentro da sala o parou com um gesto de mão. Pediu que aguardasse um momento antes de fechar a porta novamente. “Será que acabou?! Não é possível... Não, com certeza não acabou, mas será? Nossa... Será que teve algum problema? Meu Deus...”.

Ele refletia, vidrado, encarando o chão. Nem percebeu quando a porta se abriu mais uma vez. “Senhor? Senhor?”, a moça chamava, subindo o tom de voz. Ele levantou a cabeça, atônito, e ela sorriu. “É a sua vez”. Ele sorriu de volta. Seguiu a moça para dentro da sala e ouviu a porta se fechar atrás dele.



postácio:  
ponto de vista  
do especialista



Evidentemente, estamos vivendo uma situação bastante incomum. Não dá para comparar com nada que o mundo já viveu. Talvez a gripe espanhola (1918-1920) esteja próxima, mas o próprio conhecimento levou, naquela época, a decisões bem diferentes das ideais.

As coisas ainda estão nubladas. Não sabemos quando a vacina vai estar disponível. Não temos clareza. Pela maneira como a doença está evoluindo, os casos começam a cair e isso significa que muitas pessoas se infectaram.

Algumas pessoas ficaram psicologicamente muito abaladas, porque o isolamento traz esse prejuízo. Compromete a saúde mental e a saúde física, principalmente daqueles que ficaram em casa sem fazer



nada.

Muitas medidas são tomadas sem conhecimento prévio; e outras, as circunstâncias as impõem. Por exemplo, como pode ser exigido que, em uma reunião, as pessoas estejam cumprindo o distanciamento se dentro do ônibus é permitido que alguém sente do meu lado?

O maior erro que se cometeu foi a recomendação de ir ao hospital somente em estágio avançado. Do ponto de vista médico, você tem que ir para o atendimento assim que não estiver se sentindo bem.

É muito difícil. Tomam-se muitas decisões fundamentadas no que os outros já fizeram, muitas decisões iguais para todos. Fortaleza, por exemplo, é muito desigual socioeconomicamente. Enquanto tem gente que mora em lugares com vários quartos, computador, televisão, tem gente que a casa é um quarto, sem meio de entretenimento, nem de repouso. As medidas que foram regulamentadas foram iguais para todos e não dá para quem mora em favela fazer esse isolamento adequado, é quase impossível. As casas são pequenas, as ruas são estreitas. Não dá para comparar com alguém da Aldeota, por exemplo. Não é fácil trabalhar essas questões, realmente, mas eu acho que não foi nem tentado. Não avaliaram as periferias.

As pessoas também ficaram com muito medo. Os hospitais não permitem que os pacientes com Covid tenham acompanhante, mesmo aqueles que já tiveram a doença. Isso trouxe prejuízo porque pessoas morreram e a família não viu. Imagina, é muito triste, muito doloroso,

deixar sua mãe sozinha de oitenta e tantos anos no hospital. É algo de que as pessoas que passaram por isso vão ter muita dificuldade de se recuperarem. Foram medidas drásticas e desumanas, que não se fizeram por maldade, mas talvez por falta de uma análise aprofundada. Se você tiver cuidado com as mãos e estiver usando uma máscara, principalmente N95, eu não vejo problema em acompanhar o paciente.

Mas foi se aprendendo sobre a doença e alguns aprendizados vieram. Por exemplo, aprendemos que o paciente com níveis de vitamina D e zinco é um fator favorável para combater a doença.

Acho que aprendizados fora da área da saúde serão o trabalho remoto, o ensino remoto. Ninguém tinha sido totalmente forçado a praticar essas atividades. É impressionante o número de pessoas que hoje tão utilizado essas medidas. Não fazíamos porque ninguém tinha sido forçado a esse tipo de ação. Até ginástica a distância estão fazendo. E, na saúde, estamos usando a telemedicina, consultas por meio de vídeo, o que se torna muito útil quando o médico não pode estar imediatamente no local, como no caso de pacientes no interior. É possível prestar uma série de esclarecimentos com esse método. Tenho atendido centenas de pessoas por vídeo de maneira muito qualificada.

Ainda temos muito o que aprender sobre o que fizemos. E, se vier uma próxima pandemia, continuamos aprendendo. Somente no futuro vamos ter a certeza se as decisões tomadas foram as melhores, porque em algumas situações não havia experiência prévia e

algumas medidas foram improvisadas.

A vacina precisa de um certo tempo. Ela precisa ser usada para bilhões de pessoas, então você tem que estar muito certo de que aquilo é seguro. Em algumas medicações, a gente só tem a clareza dos efeitos colaterais depois de testada em muitas pessoas.

Ainda existem questões em aberto. Por exemplo, se esse vírus sofrer mutações, assim como o vírus da Influenza. É um vírus que nós ainda não sabemos como será o comportamento ao longo dos anos.

Com cautela, a pandemia está reduzindo. É difícil dizer, mas acredito que, ao longo de 2021, ainda teremos casos salpicados. O que pode nos ajudar é desenvolver métodos de tratamento mais simples e diagnósticos mais rápidos. Acho que é a minha esperança: a vacina associada a essa expectativa de ser tratado rápido, porque o vírus não vai sumir.

**Anastácio de Queiroz Sousa, médico infectologista e professor da Universidade Federal do Ceará.**

The image features a black background with four white lines forming a frame. A vertical line is on the left, a vertical line is on the right, a horizontal line is at the top, and a horizontal line is at the bottom. The text 'UFC' and '2020' is centered in the lower half of the frame.

UFC  
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETÍCIA DO VALE SOUZA

**ISOLADOS:**  
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO  
DE LIVRO DE CRÔNICAS SOBRE O CORONAVÍRUS

FORTALEZA - CE  
2020

LETÍCIA DO VALE SOUZA

ISOLADOS:RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO  
DE LIVRO DE CRÔNICAS SOBRE O CORONAVÍRUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA  
2020

LETÍCIA DO VALE SOUZA  
ISOLADOS - RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO  
DE LIVRO DE CRÔNICAS SOBRE O CORONAVÍRUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr. Robson da Silva Braga (orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professora Gabriela Ramos Souza  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor José Ronaldo Aguiar Salgado  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA  
2020

## AGRADECIMENTOS

À minha família, pela eterna disponibilidade para me ajudar e confortar, frente a qualquer desafio. Obrigada por acreditarem no meu potencial desde menina e nunca me abandonarem. Devo o que sou ao trabalho de grandes mulheres.

Ao Fabrício, por tudo. Por ser meu companheiro, meu melhor amigo, meu conselheiro, meu editor e o melhor jornalista que eu já conheci. Obrigada por ser a rocha firme que quebra as ondas do meu medo e acalma meu mar de angústias. Nosso vínculo vem de antes e vai além. Saranghae.

Ao Robson, por enxergar habilidades em mim que até agora estão nubladas aos meus olhos. Obrigada pela confiança e incentivo constantes. Obrigada por me fazer acreditar.

À Gabriela e ao Ronaldo, por aceitarem participar da banca, pela disponibilidade de tempo e por todas as contribuições que vão agregar positivamente ao meu trabalho. É uma honra ser avaliada por profissionais tão competentes.

Aos amigos, que sempre se dispõem para estarem ao meu lado e deixarem o clima mais leve. Seria impossível sobreviver nesse mundo sem esse senso de humor completamente distorcido de vocês. E obrigada especificamente à Alexia, por tirar todos aqueles prints que eu precisei naquele dia.

À Adrielly, por ser uma profissional exímia e aceitar o desafio de me manter minimamente sã durante todo esse tempo. Eu falo, sem exageros, que você salvou a minha vida.

A todos que dispuseram um pouco do seu tempo para me concederem entrevistas e também para serem modelos para as as ilustrações. Obrigada pela paciência.

E, finalmente, a todos os profissionais de inúmeras áreas que muitas vezes, e infelizmente, doaram as próprias vidas para combater as consequências da, talvez, maior tragédia da minha geração. As cicatrizes ficam, mas seriam feridas abertas sem vocês.



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar, por meio de uma coletânea de crônicas, as diferentes realidades enfrentadas por milhões de brasileiros durante este momento de pandemia. Para isso, o gênero escolhido foi a crônica, caracterizada por usar o cotidiano como base para tecer opinião, críticas e sátiras. Dessa forma, é possível que o leitor se reconheça de algum modo nos textos e desenvolva reflexões acerca não só do próprio cenário enfrentado, mas também sobre outros contextos, distantes da vivência dele, mas igualmente importantes para o entendimento da complexa realidade brasileira. Para a construção dessas narrativas, foram realizadas pesquisa documental, observação participante e entrevistas semi-estruturadas. O livro é composto por introdução, 13 crônicas, ilustrações feitas pela autora e posfácio com declarações de uma médico infectologista.

**Palavras-chave:** coronavírus; pandemia; quarentena; isolamento; crônica.

## ABSTRACT

This paper has the major objective to demonstrate, through a collection of chronicles, the different realities faced by millions of Brazilians during this pandemic. For this, the chosen genre was the chronicle, characterized for using everyday life as a way of expressing opinions, criticisms and satires. In this way, it is possible for the reader to recognize himself in the texts and develop reflections about not only the scenario they face, but also about other contexts, distant from their experience, but equally important for the understanding of the complex Brazilian reality. Documentary research, participant observation and semi-structured interviews were used to construct these narratives. The book consists of an introduction, 13 chronicles, illustrations made by the author and an afterword with statements by an infectious disease doctor.

**Key-words:** coronavirus; pandemic; quarantine; social distant; chronicle.

## **SUMÁRIO**

### **1 INTRODUÇÃO**

### **2 OBJETIVOS**

#### **2.1 OBJETIVO GERAL**

#### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

### **3 PROBLEMA DE PESQUISA**

### **4 JUSTIFICATIVA**

### **5 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **6 METODOLOGIA**

### **7 SUPORTE ADOTADO**

### **8 ESTRUTURA DO PRODUTO**

### **9 PROJETO GRÁFICO**

### **10 CUSTOS**

### **11 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o exposto no portal online oficial do Ministério da Saúde, os coronavírus são uma família de vírus cujos alguns componentes já eram conhecidos pelos cientistas. Sabe-se que esses vírus já eram comuns em diferentes espécies de animais, e esses, raramente, infectavam seres humanos.

No entanto, em dezembro de 2019, um novo coronavírus foi descoberto. O SARS-CoV-2 foi identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China. O vírus é responsável pela doença Covid-19, que pode afetar os seres humanos. Com casos registrados em 114 países e com mais de 4 mil mortos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera, no dia 11 de março, a crise do coronavírus como uma pandemia global.

Os quadros clínicos dos pacientes infectados por esse novo agente podem variar entre infecções assintomáticas e quadros graves. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) informam que cerca de 80% das pessoas com COVID-19 podem ser assintomáticos ou apresentar poucos sintomas. Aproximadamente 20% dos casos podem necessitar de atendimento hospitalar devido a uma dificuldade respiratória, e, desses, aproximadamente 5% podem precisar de suporte ventilatório.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), os sintomas mais comuns da Covid-19 são febre, cansaço e tosse seca. A doença é transmitida por meio de secreções expelidas pela pessoa infectada em momentos como tosse, espirro ou fala. Devido a essa fácil forma de transmissão e o fato de existir a possibilidade de que pessoas contaminadas não apresentem sintomas ou apresentem sintomas leves que passam despercebidos, a principal forma de prevenção adotada pelo mundo foi a implantação da quarentena, quando possível, e o distanciamento social. Outras medidas de proteção são higienização frequente das mãos, cobrir a boca com o cotovelo ou lenço em caso de espirro e tosse e o uso de máscara.

Apesar de apenas 20% dos casos desenvolver a forma mais grave da doença, o índice, que parece baixo, já é o suficiente para superlotar sistemas de saúde em todo o globo, uma vez que 20% da população doente ao mesmo tempo representa muito mais do que qualquer país pode lidar.

Matéria do projeto Agir, do Jornal O Povo, mostram que, na Europa, a Itália chegou a apresentar um aumento de 50% no número de mortes causadas pelo vírus em março. Foram registrados casos de pessoas que passaram dias com familiares falecidos dentro de casa devido à alta demanda enfrentada pelo sistema funerário no país. No Equador, o mesmo problema foi enfrentado: em abril foram recolhidos de casas e ruas mais de 700 corpos de vítimas da doença. A pandemia causou, inclusive, o primeiro adiamento da história das Olimpíadas, evento que só havia sido cancelado por duas vezes em toda a sua história, na ocasião das duas guerras mundiais.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a registrar um caso de coronavírus, no dia 25 de fevereiro. A vítima era de São Paulo. A primeira morte veio em 17 de março, quando o país já registrava mais de 200 casos. A ascensão do vírus no Brasil foi rápida. Um mês após o primeiro registro, o Ministério da Saúde mostrava 2.915 infectados pela doença. No começo de abril, o número já era maior que 7 mil. No fim de maio, já eram mais de 20 mil mortos. O presidente da Argentina, Alberto Fernández, declarou considerar o Brasil uma ameaça para o resto do continente.

No Ceará, os três primeiros casos de infectados foram confirmados pela Secretaria da Saúde do Estado em 15 de março. No dia 25 do mesmo mês, o número havia aumentado para 235. Fortaleza foi o epicentro da doença no Estado.

Até 14 de outubro, os números se mostravam no mapa da Universidade Johns Hopkins, aproximadamente, da seguinte forma: 38,4 milhões casos confirmados e 1,09 mil mortes no mundo, sendo 5,14 milhões de casos e 151.700 mortes no Brasil. Na mesma data, o Ceará somava 261.200 casos e 9.100 mortes, sendo 51.700 casos e 3.800 mortes somente em Fortaleza. Os dados são da plataforma IntegraSUS e da Prefeitura.

A título de comparação, o número de óbitos do Ceará (9.100) consegue ser maior do que o total de mortes na China (4.739), país originário do vírus e com população de mais de 1 bilhão de pessoas. O Brasil é o segundo país com maior número de mortes, atrás somente dos Estados Unidos (216.632).

Os números estarrecedores foram consequência da ausência de uma política governamental adequada de prevenção à pandemia. Desde o começo dos eventos, a posição

adotada pelo presidente Jair Bolsonaro foi de apontar a doença como algo que "não é isso tudo". Segundo matéria de agosto do portal IG, ele afirmou não haver motivo para pânico, comparou a questão a uma "fantasia" e acusou de estarem superdimensionando o problema. Chegando a afirmar que a Covid-19 seria apenas uma "gripezinha", Bolsonaro quebrou o isolamento social diversas vezes, participando de manifestação e causando aglomerações em ruas e estabelecimentos, comumente sem máscara e não hesitando em ter contato próximo com os apoiadores. Quando questionado pela imprensa sobre as mortes no país, frases como "eu não sou coeiro, tá certo?" e "e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?" foram utilizadas como respostas por Bolsonaro.

Além disso, por duas vezes o ministro da Saúde teve que ser substituído. Em 16 de abril, Luiz Henrique Mandetta foi demitido após um período de desentendimento com o presidente sobre o combate à pandemia. O ex-ministro viu sua popularidade crescer após adotar uma postura pró-isolamento. Já em 15 de maio foi a vez de Nelson Teich pedir demissão do cargo, após divergência com Bolsonaro sobre o uso da cloroquina no tratamento da doença, medicamento apoiado pelo presidente e sem comprovação científica de resultados positivos na luta contra o coronavírus.

A instabilidade política e a negligência governamental custaram a vida de milhares de pessoas. Mesmo debaixo do mesmo guarda-chuva da pandemia, cada brasileiro encarou esse momento sob um ponto de vista específico. É notório que fatores como nível socioeconômico, gênero e raça segmentam o indivíduo na sociedade e influenciam em toda a sua experiência dentro do sistema. Com a pandemia não foi diferente.

Em cerca de 30 mil casos de notificações de Covid-19, disponibilizados pelo Ministério da Saúde até 18 de maio, 55% de pretos e pardos morreram, enquanto o mesmo índice entre pessoas brancas foi de 38%. Além disso, pretos e pardos sem escolaridade tiveram 80,35% de taxas de morte, ao passo que brancos com nível superior tiveram 19,65%. As informações são de um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio.

Os motivos para essa realidade envolvem o fato de que pessoas negras, em geral, devido aos resquícios da escravidão, encontram-se nas regiões mais marginalizadas das cidades. Assim, moradores de periferia sofrem com baixa oferta de serviços de saúde, moradias inadequadas com

maior número de pessoas por metro quadrado, falta de saneamento básico, prevalência de comorbidades por não terem acesso a uma alimentação mais saudável e por consumirem mais produtos industrializados, fome e necessidade de trabalhar todos os dias para sobreviver, submetendo-se a empregos informais e mais expostos, como serviços gerais.

O grupo das mulheres também foi afetado de modo diferenciado pela pandemia. Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH) informam que, em abril, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019.

Além disso, levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou um aumento de 431% em relatos que vizinhos fizeram, em redes sociais, sobre brigas de casal entre fevereiro e abril deste ano. Por sua vez, os casos de feminicídio aumentaram 22,2% de março para abril no país. Isolada e tendo que conviver com o agressor, a mulher acaba sendo mais alvo da violência e encontra dificuldades ainda maiores para denunciar.

Também foi registrado este ano, pelo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a menor participação das mulheres no mercado de trabalho em 30 anos. O índice caiu para 46,3% entre abril e junho de 2020, representando queda de sete pontos percentuais em comparação com o mesmo período no ano passado. A participação masculina também caiu, mas a queda foi de seis pontos.

A queda seria devido ao fato de que os setores mais afetados apresentam grande participação das mulheres, como serviços, cuidados e hotelaria. Mulheres com filhos de até dez anos apresentaram os maiores índices de queda, devido ao aumento da carga de trabalho em casa, atividade já direcionada, culturalmente, ao público feminino.

Com base no exposto, o livro *Isolados* busca mostrar, mesmo que minimamente, a diversidade de lados dessa pandemia. Para isso, o gênero textual escolhido foi a crônica, formato jornalístico-literário caracterizado pelo tom satírico e crítico. No livro, ela foi utilizada para representar e condensar contextos passados por milhares de brasileiros, de forma que o leitor conseguisse se identificar, em alguma parcela, com a narrativa e refletisse sobre a própria realidade. A flexibilidade do gênero da crônica permite emocionar, questionar e fazer rir, favorecendo uma análise vasta sobre esse momento histórico.

## **2 OBJETIVOS**

Este trabalho tem por base os seguintes objetivos:

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Retratar, em forma de crônicas, a diversidade de realidades entre os brasileiros durante esta pandemia.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Refletir sobre a origem de determinados comportamentos;
- Ir além do certo e errado no que diz respeito ao julgamento dos comportamentos alheios;
- Exercer a empatia sobre as diferentes realidades brasileiras;
- Expressar e entender os sentimentos acumulados durante todo esse tempo de isolamento.

## **3 PROBLEMA DE PESQUISA**

A pandemia foi o assunto escolhido por representar a atual realidade vivida pela autora, despertando inquietações, questionamentos e angústias a todo momento. A observação constante do cenário despertou a necessidade de trazer a tona os diferentes modos que cada brasileiro enfrentou esse momento. A exposição de certos comportamentos e seus motivos foi vista como o primeiro passo para uma análise adequada desse acontecimento no país.

O principal problema enfrentado foi a necessidade de cumprimento da quarentena, principalmente pelo fato de a autora morar com uma pessoa do grupo de risco. Inicialmente, o produto pensado para o término do curso havia sido um documentário, que necessitaria de um alto nível de interação com as fontes.

Com a ocorrência da pandemia, a ideia do livro de crônicas sobre a pandemia foi traçada



como uma forma de dialogar com o momento e desenvolver um produto mais próximo da afinidade da autora, que no caso seria o texto que mescla aspectos do jornalismo e da literatura.

Todas as entrevistas realizadas foram feitas por telefone, com exceção das realizadas com pessoas residentes da mesma casa da autora. Ao contrário da entrevista presencial, a entrevista por telefone impossibilita a captação de elementos essenciais para a construção de textos literários, como as expressões faciais da fonte e as formas como ela reage às perguntas. Esses fatores permitem que o autor entenda em maior profundidade o entrevistado e construa personagens mais complexos, passando para o leitor emoções mais fidedignas e reais.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca fazer uma reflexão sobre as diferentes realidades dos brasileiros frente a essa pandemia, de modo que seja possível ir além das próprias verdades impostas e tentar enxergar pontos de vista de outros cenários.

A verdade, enquanto característica de construção relativa na visão de Weber (1993), demonstra que não se pode alcançar uma definição absoluta. Portanto, “as teorias também estão sujeitas a questionamentos, podendo se encaixar, em um momento ou em outro, de forma mais ou menos adequada para cada realidade histórica. (QUEIROZ, 1983 *apud* SILVA, 1999).

Este livro foi uma ferramenta, inicialmente, para a reflexão da autora sobre o assunto. A tentativa foi de ir além da dualidade do certo e do errado e de tentar entender, primeiramente, as origens de determinados comportamentos.

Compreender a raiz do problema pode ser a principal forma de combatê-lo, e ter a oportunidade de ver o mundo pela lente do outro pode ser engrandecedor. Exercer a empatia não é justificar erros, é apenas enxergar além de uma bolha que nos impede de refletir fora de um espectro já tão conhecido.

Além de me ajudar a compreender um pouco mais sobre as engrenagens que fazem nossa sociedade se movimentar, Isolados me permitiu aproximar e refletir sobre realidades que estavam ao meu lado, debaixo do meu teto. Também foi uma importante forma de entender e registrar o impacto e as consequências que esse momento teve em mim mesma. Foi uma

oportunidade de autoconhecimento e de expressar medos, angústias e vontades em palavras ainda não pronunciadas ou nem mesmo conhecidas por mim.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho tomou como as principais referências a dissertação de mestrado “Crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de Quando cai a Neve no Brasil, de Paulo Ribeiro”, de Marcell Bocchese, apresentada em 2011 à Universidade de Caxias do Sul, e no artigo “A crônica como interseção entre jornalismo e literatura”, submetido em 2012 por Gabriela Ramos no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Os trabalhos foram usados como guia na construção das crônicas presentes no livro como reflexo de ambas as faces: jornalismo e literatura. A análise do desenvolvimento histórico do gênero auxilia no entendimento e aplicação dos fatores crítica, opinião e sátira, principais características do texto, junto às normas jornalísticas já assimiladas durante anos de graduação e mercado de trabalho.

A imprensa no Brasil sofreu uma série de transformações nos primeiros anos desde o surgimento do primeiro jornal em 1808, a Gazeta do Rio de Janeiro. Por meio da imprensa, as divergências políticas acaloravam as discussões, sendo usada como forma de despertar opiniões e dar força na luta pelo poder. (...) Com publicações mais voltadas para temas os políticos, a divulgação da produção literária aos poucos ganhou espaço nas décadas seguinte. (...) as transformações no jornalismo aconteceram ao poucos e em ritmos diferentes nas províncias do Império, dando espaço cada vez mais à literatura. (...) Habermas destaca que a partir das mudanças da imprensa é possível compreender as transformações da esfera pública. Inicialmente elaborados de forma artesanal e com pequenos lucros, os jornais vieram a se solidificar como negócio de maior porte econômico apenas anos mais tarde, com a automatização da redação. Primeiramente, as atividades e a atuação da imprensa eram mais voltadas para um caráter informativo, por meio da coleta e organização das informações. Porém, aos poucos o jornalismo de opinião ganhou espaço a partir do início de novos períodos político e econômico. (RAMOS, 2012, p. 2-3).

Seguindo o conceito de que “jornalismo seria, então, a divulgação de uma mensagem com precisão, penetração e rapidez, servindo sempre à verdade” (BOCHESSE, 2011), e de que a

função dos cronistas é “estabelecer a fronteira entre a Logografia – registro de fatos, mesclado com lendas e mitos – e a história narrativa [...]” (RODRIGUES apud MELO, 2002, p. 139), pode-se entender que “a convergência entre literatura e jornalismo parece, então, estar realmente em pauta desde que se queira estabelecer delimitações e conceitos dessas duas áreas” (BOCHESSE, 2011).

A crônica seria o gênero que permite que jornalismo e literatura andem de mãos dadas, relacionando-se ao cotidiano ao mesmo tempo em que tenta gerar reflexões no leitor. “A crônica (...) também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver)” (MENEZES in CASTRO; GALENO, 1993, pp. 163-171).

## 6 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse produto, inicialmente foi necessário fazer uma análise do contexto ao redor da autora, uma vez que o foco das crônicas é representar o cotidiano e fazer com o que o leitor se identifique de alguma forma com o texto. Assim, familiares e amigos foram levados em consideração, sempre pensando no objetivo do livro de representar as realidades de milhões de brasileiros. Foi observado contextos socioeconômicos, culturais, de gênero e raça e de que forma esses fatores podem influenciar a experiência do indivíduo em meio a uma pandemia.

De acordo com Michael Angrosino,

(...) na observação participantes, os membros da comunidade estudada concordam com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador. (...) O observador participante não pode esperar ter controle de todos os elementos da pesquisa; ela ou ele depende da boa vontade da comunidade. (...) A observação participante não é, por si mesma, um método de pesquisa - ela é um contexto comportamental a partir do qual um etnógrafo usa técnicas específicas para coletar dados (ANGROSINO, 2009, p. 33-34).

Assim, também foi necessário fazer uma vasta pesquisa documental para coletar dados mais gerais, a níveis regional, nacional e mundial. Para isso, foram consultados páginas de órgãos oficiais, como o Ministério da Saúde, o IntegraSUS, do Governo do Ceará e os boletins

epidemiológicos disponibilizados pela Prefeitura de Fortaleza.

Também foi consultado uma enorme variedade de jornais e outras plataformas midiáticas que participaram dessa cobertura. Foram eles: G1, Projeto Agir O POVO, Diário do Nordeste, Uol, IG, BBC News Brasil e Isto É. O mapa da Universidade Johns Hopkins e as estatísticas Google foram outras ferramentas utilizadas para coletar dados mais seguros a nível mundial.

A pesquisa é chamada de "documental" porque procura os documentos de fonte primária, a saber, os "dados primários" provenientes de órgãos que realizaram as observações. (...) Algumas pesquisas elaboradas a partir de documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema. (RAMPAZZO, 2005, p.51,52)

Após essa análise panorâmica, os dados e vivências coletados foram utilizados para decidir o tema de cada crônica. O objetivo era escolher uma gama bem diversificada de assuntos para abarcar o máximo possível no produto tudo o que foi vivido pelo brasileiro neste momento. É óbvio que o livro é apenas uma pequena amostra da complexidade desse cenário.

Ao todo, foram escritas 13 crônicas, além da introdução e do posfácio. A introdução foi produzida a partir da pesquisa documental nos veículos já mencionados, e o posfácio foi estruturado em primeira pessoa como o ponto de vista de um especialista, com base na entrevista concedida pelo médico infectologista e professor da Universidade Federal do Ceará, Anastácio de Queiroz Sousa.

As crônicas Alta tensão, Praia e O dia trazem temáticas amplamente debatidas, sendo o nervosismo de sair de casa em meio a uma pandemia, as condições de isolamento diferenciadas de acordo com a classe econômica e o esperado dia da vacina. Assim, essas as estratégias escolhidas para produzir uma narrativa mais adequada foram a pesquisa documental e a observação participante.

A pesquisa documental também foi o principal método utilizado para a produção da crônica Ao lado. Por tratar de um assunto mais delicado (violência doméstica), a autora considerou que se utilizar de entrevistas para esse fim não seria o adequado.

As crônicas Ela, Psicológica, Amém, Mercadinho, A doença e Reunião foram baseadas a partir de entrevistas semi-estruturadas. O perfil dos entrevistados foram, respectivamente: senhora aposentada e mãe da autora, criança de 4 anos moradora do Meirelles, técnica de

enfermagem atuando em hospital particular, idoso comerciante morador do bairro Vila Velha, dois jovens de classe média com idades de 21 e 36 anos e professora da rede municipal do bairro Pio XII. As entrevistas foram feitas pelo celular ou pessoalmente, nos dois primeiros casos, gravada e posteriormente transcrita para, então, poder ser utilizada para a produção de uma crônica.

Não se encontra um conceito claro e preciso do que seja a entrevista semi estruturada. Tendo em vista que a entrevista estruturada parte de um roteiro de questões aplicadas, rigorosamente, e que não estruturada é aquela que permite que o entrevistado traga a tona toda a sua subjetividade e riqueza de experiências, logo supõe-se que na semi estruturada haja uma confluência de perguntas previamente elaboradas com outras pautadas a partir das respostas e elucubrações dos entrevistados. (SANTOS, CANDELORO, 2006, p.75)

As crônicas *Martinha* e *Dilema* foram baseadas em posicionamentos de duas celebridades: o post no Instagram da influencer Gabriela Pugliesi e o vídeo publicado no Twitter pelo rapper Emicida. A autora decidiu utilizar esses dois pontos de vista por considerar bastante agregador ao livro. No primeiro caso, por ser uma pessoa altamente midiática, com 4,2 milhões de seguidores na rede social Instagram, e cujo pensamento pode ser uma representação de tantas pessoas que a tem como modelo.

No caso do rapper Emicida, seu posicionamento acerca dos protestos do Black Lives Matter (*Vidas Negras Importam*), ocorridos em junho em São Paulo, demonstram uma dualidade delicada e extremamente complexa dentro do movimento. Negro, originário de periferia e militante da causa, Emicida evocou sua vivência para demonstrar que talvez não fosse a hora de sair nas ruas devido a uma pandemia, entrando em choque com a angústia do preto que não aguenta mais sofrer neste país.

Por fim, a crônica *Fabício* foi fruto de uma auto reflexão da autora, que se colocou como primeira pessoa em um texto sobre o namorado.

## **7 SUPORTE ADOTADO**

O suporte escolhido para o trabalho é um livro de crônicas. O gênero foi escolhido por permitir criar histórias que, apesar de fictícias, baseiam-se em fatos reais e traçam perfis panorâmicos da sociedade neste momento. Dessa forma, é possível incluir, dentro de uma

pequena amostra, como esse livro, hábitos, cenários e personalidades que representam milhões de brasileiros.

A característica mais presente na crônica é o olhar aguçado do escritor para acontecimentos simples do cotidiano, como já dito. E é na simplicidade que nasce uma profundidade inesperada – evidenciando grande beleza que transcende o fato atual e, desse modo, configura-a como texto literário. (RAMOS, 2012, p.13)

Além disso, o fato de se precisar estar em quarentena e o cuidado da autora em cumprir com essa medida o máximo possível, por conviver com uma pessoa do grupo de risco, impossibilitou o uso de outras possíveis plataformas que requerem o deslocamento, como o audiovisual. Assim, a escolha do livro se tornou a mais adequada.

## **8 ESTRUTURA DO PRODUTO**

O livro é iniciado com o segmento Introdução: tragédia anunciada. O texto apresenta um contexto da pandemia no mundo, no Brasil e no Ceará, com dados coletados em plataformas oficiais e meios de comunicação. Também são apresentados dados sobre temas de algumas crônicas, relacionados ao impactos de fatores socioeconômicos, raciais e de gênero nas consequências da pandemia.

Ainda na introdução, é possível se aprofundar no processo de escrita da autora e nos procedimentos utilizados para a construção das crônicas, além da relação da autora com o produto final e seus objetivos em compartilhá-lo.

Em seguida, vêm as crônicas:

- Ela: entrevista com a mãe da autora, personagem do grupo de risco. Explora a relação das duas e a forma como a autora lida com esse constante risco que cerca uma pessoa amada.
- Psilológica: ponto de vista de uma criança sobre a pandemia e de que forma esse contexto consegue afetá-la.
- Martinha: ponto de vista da pandemia de uma mulher que encara esse momento de quarentena como uma forma de descanso e oportunidade de se dedicar a outros objetivos.

- Ao lado: relata a relação de duas vizinhas, mostrando como a frustração com a própria vida e anseio pelo alheio pode impedir alguém de enxergar os problemas e alertas na vida do outro.
- Amém: súplicas de uma profissional da saúde em forma de oração cristã.
- Alta tensão: relata os receios da necessidade de sair de casa no auge da pandemia.
- Mercadinho: mostra a relação de um jovem com um senhor e a forma como o pensamento dos dois vai em sentidos opostos no que tange à pandemia.
- Dilema: relata dois pontos de vista diferentes de irmãos que seguem na mesma luta contra o racismo.
- A doença: relato de uma pessoa que foi infectada e teve que ser internada.
- Reunião: relato de uma videoconferência entre professores de uma escola pública, evidenciando os desafios de se trabalhar nesse contexto remotamente.
- Praia: diálogo entre um casal que discute sobre as inconsistências de se exporem ao vírus todos os dias devido ao trabalho e terem o lazer negado.
- Fabrício: desabafo da autora sobre os momentos de angústia de ter que se ver longe do grande amor.
- O dia: uma projeção de como seria o dia em que alguém iria receber, finalmente, a vacina contra o coronavírus.

O último segmento é o Posfácio: ponto de vista do especialista, no qual um infectologista faz uma análise de como o Brasil lidou com a pandemia. Ele aponta erros, aprendizados e traça projeções para o futuro.

## **9 PROJETO GRÁFICO**

A principal marca do projeto gráfico do livro *Isolados* é o uso de linhas, cruzadas ou não, para ilustrar as páginas. As linhas são utilizadas para darem a sensação de isolamento ao leitor. No entanto, o cruzar das linhas, em nenhum momento, chega a isolar, verdadeiramente, alguma parcela da página. A ideia é mostrar que, apesar da máxima do isolamento devido à pandemia, nunca conseguimos, realmente, implantar no Brasil um sistema de isolamento adequado, seja por

questões sociais, culturais ou econômicas. O fato do título estar sendo cortado pelas linhas também remete a essa ideia de ultrapassar limites impostos.

Na capa, o nome Isolados está separado por um símbolo gráfico muito utilizado para ilustrar distâncias. Ao lado do símbolo, está escrito “2m”, representando a norma de distanciamento social pregada durante este momento. A parte “lados” da palavra Isolados foi aplicada em tamanho maior quando comparada com a parte “Iso”, com o objetivo de destacar que a meta do livro é retratar os diferentes lados vivenciados nesta pandemia.

As linhas também estão presentes no começo de cada crônica. Na parte superior da primeira página do texto, o símbolo funciona como uma antecipação da história, já que representa uma espécie de “termômetro de isolamento” dos personagens principais retratados. Dessa forma, quanto maior a linha, maior o nível de isolamento cumprido pelo personagem em questão.

O preto foi utilizado em algumas páginas para destacá-las. Assim, essa é a cor principal da página da dedicatória e das páginas iniciais da introdução, posfácio e crônicas. O objetivo é sinalizar ao leitor de forma clara o fim da sessão.

As ilustrações funcionam, também, como divisórias de cada segmento e uma forma de alimentar o imaginário do leitor, antecipando um pouco do cenário da história prestes a ser relatada. Cada ilustração traz elementos justificados para agregar a experiência de leitura.

- Introdução: retângulos representam as covas cavadas em alta demanda e a linha vermelho remete a um rastro de sangue.
- Ela: as formas em marrom completam o cenário da ilustração podendo representar quadros em uma parede, mas também destacam a desordem mental característica da personagem. A cor escolhida reflete a cor dos esmaltes que a personagem sempre usa.
- Psilocógica: ilustração de uma das brincadeiras preferidas do personagem.
- Martinha: a ilustração se encontra em cima de uma espécie de escada, mostrando que a personagem está em um patamar social elevado. A pose de yoga retratada pode lembrar uma arma sendo apontada, ligando a personagem ao atual presidente, uma marca de parte da elite brasileira.



- Ao lado: o vermelho, irradiando da lâmpada do corredor na frente dos apartamentos, indica que deve-se ficar alerta.
- Amém: a ilustração da mulher conta com uma espécie de auréola em cima da cabeça da moça, relacionando-se ao tema da crônica, mas também mostrando que a própria personagem, devido ao trabalho que exerce, merece receber essa auréola e ser comparada a um ser divino.
- Alta tensão: o uso do raio se relaciona ao título da crônica, já que o símbolo é muito utilizado para ilustrar locais com alta tensão de eletricidade.
- Mercadinho: o balão de conversa destaca a natureza social do personagem.
- Dilema: a ilustração acima dos irmãos se abraçando está relacionada à raiz de uma planta, e representa as raízes familiares, sociais e culturais que os dois carregam e defendem. Também pode se assemelhar a forma de um raio, indicado a tensão entre os dois retratada na crônica.
- A doença: o verde foi escolhido por ser uma cor que representa não só a área da saúde, mas também o sentimento de esperança, sensação nutrida pelo personagem ao encarar a doença.
- Reunião: ilustração em laranja representa um quadro de anotações e a expressão da personagem é de frustração pelo dilema enfrentado.
- Praia: a ilustração retrata os dois personagens deitados na cama, em um momento de descontração. Os pelos desenhados, inclusive femininos, mostram como as prioridades podem mudar durante este momento de quarentena.
- Fabrício: ilustração do personagem em conjunção com o uso da cor preferida da autora.
- O dia: os símbolos em azul se assemelham a pontos de interrogação, representando a incerteza da vinda de uma vacina.
- Posfácio: as linhas na cor cinza desenhadas em cima da silhueta de uma cidade representam barras de ferro sendo levantadas, mostrando que, aos poucos, o isolamento está sendo encerrado e algumas práticas já têm liberdade para funcionarem.

## 10 CUSTOS

Para a produção do material, a diagramação e as ilustrações do livro foram feitos pela autora, não gerando custos.

## 11 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Abril de 2020 - Reunião com orientador para definir novo tema e projeto devido à pandemia

Mai a Julho de 2020 - Reflexão e pesquisa sobre o tema, leitura de crônicas e materiais sobre o gênero escolhido

Agosto e Setembro de 2020 – Entrevistas com fontes, produção de textos e ilustrações

Outubro de 2020 – Diagramação do livro e finalização do material

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. [S. l.: s. n.], 2009.

BOCCHESI, Marcell. **Crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura**: uma demonstração através de Quando cai a Neve no Brasil, de Paulo Ribeiro. 2011. Dissertação de Mestrado (Mestre em Área de concentração: Letras, Cultura e Regionalidade.) - Universidade de Caxias do Sul, [S. l.], 2011.

RAMOS, Gabriela. **A crônica como interseção entre jornalismo e literatura**. A crônica como interseção entre jornalismo e literatura, [s. l.], 30 jun. 2012.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. [S. l.: s. n.], 2005.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos acadêmicos**: Uma orientação para pesquisa e normas técnicas. [S. l.: s. n.], 2006.

SILVA, Rubens Alexandre da. **Da generalidade ao recorte temático**. In: Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 4, 1999.

## OUTRAS FONTES

Ceará registra 260.154 casos confirmados e 9.134 mortes por Covid-19. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/10/11/ceara-registra-260154-casos-confirmados-e-9134-mortes-por-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

MADEIRO, Carlos. Por que o Ceará é o epicentro do coronavírus no Nordeste. Uol, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/27/por-que-o-ceara-e-o-epicentro-do-coronavirus-no-nordeste.htm>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

ESTEVES, Eduarda. Veja cem momentos em que Jair Bolsonaro minimizou a Covid-19. IG, 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-08-08/veja-cem-momentos-em-que-jair-bolsonaro-minimizou-a-covid-19.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Ceará contabiliza mais de 261 mil casos confirmados de Covid-19; recuperados ultrapassa 225 mil. Diário do Nordeste, 2020. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ceara-contabiliza-mais-de-261-mil-casos-confirmados-de-covid-19-recuperados-ultrapassa-225-mil-1.2999759>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. Isto é Dinheiro, 2020. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contr-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-a-180-sobem-40/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

GRAGNANI, Juliana. Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. BBC News, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

SAMUEL, Felipe. Especialista afirma que Covid-19 está em ascensão no Brasil. Correio do Povo, 2020. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/especialista-afirma-que-covid-19-est%C3%A1-em-ascens%C3%A3o-no-brasil-1.452843>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos, diz Ipea. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/07/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-diz-ipea.ghtml>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

CALDAS, Ana B. Covid-19 pelo mundo. O POVO, 2020. Disponível em: <<https://issuu.com/opovodigital/docs/agir-todoscontraocoronavirus-4>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Secretaria de Saúde de Fortaleza. Disponível em: <<https://saude.fortaleza.ce.gov.br/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins

University (JHU). Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Acompanhamento de Testes de Covid-19 do IntegraSUS. Disponível em: <<https://indicadores.integrasus.saude.ce.gov.br/indicadores/indicadores-coronavirus/acompanhamento-teste-covid>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.